

HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA

HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA

MARIA CRISTINA DE ASSIS

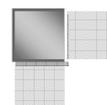
Introdução

Neste curso, vamos abordar a língua portuguesa sob uma perspectiva histórica, partindo de sua origem latina na Península Ibérica. Compreendemos que a mudança linguística está relacionada ao processo de modificação sociocultural de um povo, isto é, a história de uma língua está ligada à história do seu povo, aos acontecimentos de natureza política e social.

A preocupação em explicar as alterações ocorridas nas línguas pertence ao domínio da Linguística Histórica, disciplina que busca investigar mudanças – fônicas, morfológicas, sintáticas e semântico-lexicais – ao longo do tempo histórico, em que uma língua ou família de línguas é utilizada por seus falantes em determinado espaço geográfico e em determinável território, não necessariamente contínuo. Estão relacionados a essa área dois tipos de estudos linguísticos: Em sentido amplo (*Lato sensu*) – os que se baseiam em dados contextualizados, isto é, datados e localizados (quando sabemos onde e quando foram produzidos). Em sentido estrito (*Strictu sensu*) – os que investigam as mudanças que ocorreram nas línguas através do tempo, levando em consideração fatores intralinguísticos ou estruturais e fatores extralinguísticos ou sócio-históricos.

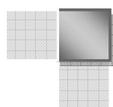
Nesse sentido, é possível estudar a história de várias línguas ou apenas de uma língua. Ivo Castro conceitua História da Língua como o estudo das relações estabelecidas entre uma língua e a comunidade que a fala, ao longo da história dessa comunidade. Em geral, apontam-se duas perspectivas de estudo de história da língua: *história externa* – abrange acontecimentos políticos, sociais e culturais, que repercutem na língua; *história interna* – descreve a evolução fonética, morfológica, sintática e semântica da língua.

Nem sempre é possível explicar como ocorrem determinadas mudanças linguísticas. Nas escolas de ensino fundamental e médio, o estudo da língua numa perspectiva sincrônica adotada pelas gramáticas tradicionais favorece o surgimento de regras e exceções, fazendo com que o aluno sinta dificuldades para entender alguns fatos da língua. Vejamos alguns dos questionamentos que podem surgir, ao estudar a língua portuguesa:



- Como explicar o número reduzido de palavras proparoxítonas no léxico da língua portuguesa?
- Se a gramática ensina que na língua portuguesa temos apenas os gêneros masculino e feminino, por que os pronomes *isto*, *isso*, *aquilo* são classificados como pertencentes ao gênero neutro?
- Qual a relação entre palavras como *mácula* e *mancha*, *cátedra* e *cadeira*, *solitário* e *solteiro*?
- Por que achamos tão parecido o português e o espanhol?

Respostas para essas e outras perguntas podem ser encontradas analisando-se a língua numa perspectiva histórica. É o que veremos a seguir.



UNIDADE I

DAS ORIGENS À FORMAÇÃO DO GALEGO-PORTUGUÊS

Antes dos romanos

A língua portuguesa pertence ao grupo das línguas *românicas*, também chamadas de *neolatinas*, resultado das transformações que aconteceram no latim vulgar levado à Península Ibérica. O latim nasceu na Itália, numa região chamada *Lácio*, pequeno distrito à margem do rio Tibre e foi levado ao território ibérico pelas legiões romanas.

Antes do estabelecimento do domínio romano na região, os povos que habitavam a Península eram numerosos e apresentavam língua e cultura bastante diversificadas. Havia duas camadas de população muito diferenciadas: a mais antiga - Ibérica - e outra mais recente - os Celtas, que tinham o seu centro de expansão nas Gálias. Muito pouco se conservou das línguas pré-romanas. Outros povos haviam-se fixado na Península Ibérica: iberos, celtas, fenícios, gregos e cartagineses.

A partir do século VIII a.C., os celtas começaram a invadir a Península Ibérica. Embora o domínio céltico não tenha se exercido pacificamente, tiveram uma influência profunda que perdurou mais ou menos até a conquista romana. Com o correr dos séculos, os celtas mesclaram-se com os iberos, dando origem aos povos *celtiberos*. Mais tarde, outros povos, os fenícios, os gregos e os cartagineses formaram colônias comerciais em vários pontos da península.

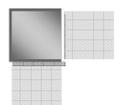
Como os cartagineses pretendessem apoderar-se do território peninsular, os celtiberos chamaram em socorro os romanos. Por esse motivo, no século III a.C., os romanos invadiram o território, com o objetivo de deter a expansão dos cartagineses.

Com as Guerras Púnicas — luta entre romanos e cartagineses —, a Península Ibérica passou para o domínio de Roma. Embora a invasão tenha ocorrido no século III a.C., a anexação como província só ocorreu no ano de 197 a.C. Entre os habitantes da península, os lusitanos, povo de origem céltica chefiados por Viriato, resistiram aos romanos. Depois do seu assassinato (cerca 140 AC), Decius Junius Brutus pôde marchar para o norte, através do centro de Portugal, atravessou o rio Douro e subjugou a Galiza. Os celtiberos terminaram adotando a língua e os costumes dos romanos. Os romanos encontraram a Península muito desunida, pois, além da variedade étnica, a difícil estrutura geográfica contribuía para a fragmentação. São de origem

Substrato linguístico é a influência da língua de um povo vencido sobre a qual se sobrepõe a língua do vencedor.

Superstrato - a língua do povo vencedor deixa marcas na língua do povo vencido, permanecendo esta última.

Adstrato - Toda língua que vigora ao lado de outra, num território dado e que nela interfere como manancial permanente de empréstimo. (Mattoso Camara)



celtibérica: *Camisa, saia, cabana* (cappana), *cerveja* (cerevisia), *légua* (*leuca*), *carro* (*carrus*), *manteiga* (*mantica*), *gato* (*cattus*) etc

A romanização da Península Ibérica

Os romanos implantaram habilmente sua civilização na Península Ibérica, modificando o menos possível as unidades territoriais que encontravam. Além disso, organizaram comércio e serviço de correio; implantaram o serviço militar e construíram escolas. O latim, imposto como idioma oficial nas transações comerciais, nos atos oficiais, passou a servir de veículo a uma cultura mais avançada. Dessa forma, a língua e os costumes romanos foram progressivamente assimilados, de maneira que a Península Ibérica chegou ao século V d.C. completamente romanizada, ou seja, politicamente pertencendo ao Império Romano e linguisticamente falando a língua de Roma — o latim.

O território ocupado pelos romanos em sua expansão, a România, constituía-se de diversas províncias: a Hispânia, a Gália, a Itália, a Dácia, todas integradas na unidade imperial até o século V d.C., enquanto durou o apogeu do Império Romano.

O Latim Vulgar, utilizado nas diversas regiões conquistadas pelos romanos, fez desaparecer, na Península Ibérica, as línguas nativas dos primitivos habitantes e passou a sofrer o influxo dos substratos céltico, ibérico e ligúrico.

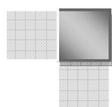
A romanização foi condicionada por fatores diferentes, como o prestígio de Roma e a dispersão das tribos. Esse período do contato entre hispânicos e romanos pode ser dividido em três fases, que consistem em um momento inicial de *expectativa*, em que as diferentes culturas se confrontam; uma fase intermediária de *marginalidade*, em que há participação nas duas culturas, fase de bilinguismo; por último, a *vitória* da cultura romana, em que ocorre a romanização.

A implantação do latim na Península Ibérica constituiu um fator decisivo para a formação da língua portuguesa, e ocorreu no século II a.C., quando as legiões de Roma, depois de longas lutas, conquistaram a Hispânia e impuseram a sua civilização. Com exceção dos bascos, todos os povos da Península adotaram o latim como língua e se cristianizaram. O território da Península Ibérica (século I a.C.) foi dividido, inicialmente, em duas grandes províncias, Hispânia Citerior e Hispânia Ulterior. Esta última sofreu nova divisão em duas outras províncias, a Bética e a Lusitânia, onde se estendia uma antiga província romana, a Gallaecia.

A romanização da Península não se deu de maneira uniforme, mas gradativamente, o latim foi-se impondo, fazendo praticamente desaparecer as línguas nativas. Há vestígios apenas na área do vocabulário.



A Península Ibérica está situada no Sudoeste da Europa. É formada por Portugal e Espanha, além do território ultramarino de Gibraltar cuja soberania pertence ao Reino Unido.



Quando ocorreu a queda do Império Romano, a Península Ibérica estava totalmente latinizada (no século I d.C.). Nesse quadro de mistura étnica, o latim apresentava feições particulares, mesclado de elementos celtas e ibéricos, basicamente no vocabulário. Os vestígios da língua ibérica no vocabulário português são poucos: *bezerro, esquerdo, sarna, cama, arroio, baía*, além dos sufixos *-arra, -erro, -orro, -urro*. A influência céltica é maior na fonética do que no vocabulário: *brio, bico, casa, légua, raio, touca* e os topônimos *Bragança, Coimbra (Conimbriga)*.

Os vocábulos gregos podem ser divididos em quatro grupos, de acordo com o ingresso ao léxico português: palavras da época anterior aos romanos, na colonização grega (perderam-se ou se confundiram com as latinas): *bolsa, cara, cola, governar*; palavras que ingressaram no vocabulário, possivelmente incorporadas ao léxico latino, com o advento do Cristianismo: *anjo, apóstolo, bíblia, crisma, diabo*; palavras transmitidas através do árabe, como *acelga, alambique, quilate, alcaparra*; palavras de origem medieval, que ingressaram por intermédio das línguas românicas, como *esmeralda (provençal), monge (provençal), esmeril, farol, guitarra* e finalmente, palavras que, a partir do século XVI, incorporaram-se ao idioma através da Ciência e da Tecnologia: *telefone, fonema, homeopatia, microscópio*. A contribuição de vocábulos fenícios ao vocabulário português é mínima: *saco (fenícia), mapa, malha, (púnico)*.

Moçárabes – termo que designa os povos cristãos que viviam subjugados aos árabes, sem adotarem língua, a religião e os costumes, mas dos quais receberam profundas influências na linguagem e nos costumes exceto na religião, pois continuavam cristãos.

Invasões dos bárbaros e dos árabes

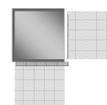
Já estava o latim bastante modificado quando os bárbaros germânicos invadiram a Península Ibérica, no século V. Os primeiros que chegaram foram os *suevos* e os *vândalos*. Posteriormente vieram os visigodos e os alanos. Outros povos bárbaros, fugindo dos hunos, espalharam-se por todo o Império Romano: burgundos, francos, saxões, alamanos, longobardos, normandos. Os suevos e os visigodos estabeleceram-se na península: os suevos implantaram-se, resistindo por muito tempo aos visigodos. Fundaram um reino muito extenso. Em 570, o reino suevo reduziu-se à Gallaecia e aos bispados lusitanos de Viseu e Conimbriga (Coimbra); os visigodos conquistaram e incorporaram o território a partir de 585 até 711. Além disso, contribuíram a dissolução do império romano e provocaram a diversificação do latim falado (o escrito permaneceu como língua de cultura). Com o domínio visigótico, a unidade romana rompeu-se totalmente. Por outro lado, os visigodos romanizaram-se, ou seja, fundiram-se com a população românica, adotaram o cristianismo como religião e



Figura 1- Reinos bárbaros

Fonte:

http://4.bp.blogspot.com/_0hasQbYINU8/S8t5Cgt404I/AAAAAAAAADQ/tAv2gTQbiw/s1600/REINOS+BARBAROS+495.bmp



assimilaram o latim vulgar. Rodrigo, o último rei godo, lutou até 711 contra a invasão árabe, defendendo a religião cristã, tendo como língua o latim vulgar na sua feição hispano-românica. Algumas contribuições das línguas dos bárbaros: guerra (*wuerra*), elmo (*helms*), espora (*spaura*), loja (*laubja*), trégua (*triggwa*), fresco (*frisk*), branco (*blank*) etc

No séc. VIII d.C., os árabes invadiram a Europa, vindos do Norte da África, pelo estreito de Gibraltar, e também assentaram domínios na península. Tratava-se de um povo de cultura, raça, costumes e religião diferentes dos peninsulares. Os mouros, como também eram chamados, não conseguiram impor-se aos povos subjugados, tampouco absorveram a cultura cristã. Do ponto de vista cultural, pode-se dizer que houve tolerância entre mouros e moçárabes, mas nenhuma integração.

No período da dominação árabe, a península passou por um surto de desenvolvimento nos campos da ciência, das artes e das letras: filosofia, medicina, matemática, história, agricultura, comércio e indústria.

Desde 711, nas regiões conquistadas, o árabe é adotado como língua oficial, mas a população continuou a falar o romance. Entretanto, a língua latina, apesar de todas as influências sofridas por parte dos vários povos, continuou sendo a língua oficial. Algumas contribuições árabes ao vocabulário português atual são *arroz*, *alface*, *alicate*, *adaga*, *alferes*, *alazão*, *corcel*, *aldeia*, *alcova*, *azulejo*, *almofada*, *açude*, *alcachofra*, *algodão*, *azeite*, *açúcar*, *alfândega*, *alfinete*, *alface*, *arroz*, *cuscus*, *algarismo*, *álgebra*, *zero*, *alcaide*, *alvará*, *almojarife*, *refém* e *inúmeras outras*.

No reinado dos reis católicos da Espanha, Fernando e Isabel, encerrou-se o período de dominação dos árabes e teve o importante papel de desencadear a formação de Portugal como Estado monárquico, bem como a definição do território português.

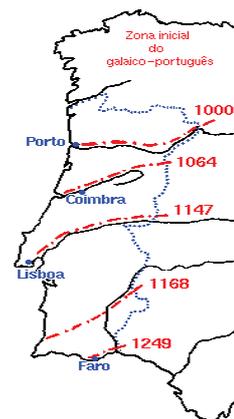


Figura 2 Mapa da Reconquista cristã do território de Portugal

A Reconquista e a Formação do Reino de Portugal

Os cristãos refugiaram-se no norte da península, onde levantaram castelos que deram origem ao reino de “Castilla”, ou terra dos castelos. Em Alcañices, nas Astúrias, o rei visigodo Pelágio derrotou os árabes dando o início à Reconquista, no ano de 718. Esse movimento foi alastrando-se para o sul, através das cruzadas – lutas para expulsar os mouros, os muçulmanos, da Península Ibérica -, recuperando os territórios perdidos que originaram os reinos de Leão, Castela e Aragão. Muçulmanos e cristãos desencadeiam uma guerra religiosa durante sete séculos de ocupação. (711 a 1492). Nas regiões dominadas pelos árabes viviam os *moçárabes*, receberam maior influência dos árabes na linguagem e nos costumes, exceto na religião, pois continuavam cristãos.



Figura 3-D. Afonso Henriques

Com a finalidade de libertar o território ibérico, nobres de diferentes regiões participaram da guerra santa. Dois nobres franceses, D. Raimundo e D. Henrique, conde de Borgonha, descendentes dos reis da França, distinguiram-se nessas lutas. Para recompensá-los pelos serviços prestados na conquista, D. Afonso VI, rei de Leão e Castela nomeou D. Raimundo governador do condado da Galiza e ofereceu-lhe em casamento a filha D. Urraca. A D. Henrique deu o governo do Condado Portucalense, território desmembrado da Galiza, junto ao rio Douro, do qual era dependente, e a mão da outra filha, D. Tareja (Teresa). Tiveram quatro filhos, dos quais apenas um era varão, chamado Afonso Henriques, que haveria de ser o fundador e o primeiro rei de Portugal.

Dom Afonso Henriques tinha apenas três anos quando seu pai morreu e, por isso, sua mãe assumiu o governo do condado. Anos após a morte do conde, a viúva envolveu-se com um fidalgo galego D. Fernão Peres de Trava, que tinha a intenção de submeter ao controle da Galiza o Condado Portucalense. Em 1128, o jovem D. Afonso Henriques lutou contra as tropas de sua mãe, numa luta conhecida como a Batalha de S. Mamede, afirmando a independência portuguesa face à Galiza. - Em 1139, depois de ter definitivamente expulsado os mouros na Batalha de Ourique, D. Afonso Henriques, conde de Borgonha, sagrou-se rei de Portugal.

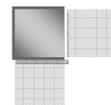
À medida que as batalhas aconteciam e novas terras eram reconquistadas, os grupos populacionais do norte foram-se instalando mais a sul, originando o território português. Do mesmo modo, na região central e leste da Península, os leoneses e os castelhanos avançavam para o sul, ocupando as terras até então dominadas pelos árabes. Mais tarde, essas terras viriam a se tornar território do Estado espanhol.

Mudanças linguísticas do latim ao galego-português

Dissemos anteriormente que a língua portuguesa é uma língua neolatina, o que significa dizer que é o próprio latim diversificado de suas origens. Inicialmente o latim era uma língua tosca e rude, mas foi, gradativamente, absorvendo os demais falares itálicos, à medida que o Império Romano se expandia.

O idioma, a exemplo do que ocorre com todas as línguas, não era rigorosamente uniforme. Revestiu-se de dois aspectos que, com o passar do tempo, tornaram-se cada vez mais distintos: o *clássico* e o *vulgar*. O latim clássico, chamado pelos romanos de *sermo urbanus*, era a língua literária, conservadora e resistente às inovações, que buscava a correção gramatical e estilística; caracterizava-se pelo apuro do vocabulário e pela elegância do estilo. Conhecida como uma língua artificial e rígida, porém polida e requintada. Sinônimo de prestígio, a língua era praticada por uma elite e usada nas escolas e nas obras dos grandes escritores latinos, como Cícero, César, Virgílio e Horácio. A expressão latim vulgar refere-se à língua com todas as suas variedades. Era usado pelo povo, sem preocupação com a correção gramatical. Era uma variedade falada que servia de instrumento de comunicação diária, com finalidades

O latim bárbaro, exclusivamente escrito, era o latim dos tabeliães e copistas da Idade Média, usado nos documentos públicos, escrituras, nos Fóruns e Cartórios. Mistura das formas latinas com formas romances – forma embrionária das línguas românicas. Chamava-se bárbaro porque era mesclado de vocábulos romances e provinciais.



práticas e comerciais. Também chamado de *sermo vulgaris*, foi levado pelos soldados, colonos e funcionários romanos a todas as regiões do Império Romano. Sujeito a influências locais de costumes, raças, clima e outros fatores, o latim vulgar veio a fracionar-se em diferentes dialetos, o que resultou, logo a seguir, nas línguas românicas.

O estudo do latim vulgar pode ser feito de duas maneiras. Uma delas é a reconstrução linguística, isto é, da comparação entre as diferentes línguas românicas, observando-se as evoluções características de cada uma é possível reconstruir o étimo latino, ou seja, a forma original comum a todas elas. Outra maneira de conhecer o latim vulgar é através de algumas atestações escritas como os *graffiti* de Pompeia, cartas pessoais, correção das formas errôneas usuais pelos gramáticos (*Appendix Probi*); vulgarismos em obras de comediógrafos, por meio da retratação de personagens populares (*Satiricon*); inscrições em lousas confeccionadas por artistas plebeus; erros ocasionais dos próprios escritores cultos, principalmente dos últimos tempos (escritores da decadência romana, escritores pagãos). Alguns documentos também atestam essa variedade do latim: *Perigrinatio ad loca sancta (Sancta Aetereae)* – séc. IV, *Mulomediinz Chironis* (Tratado de veterinária) – séc. V, *De Architetura* - Séc. I; *De Medicam pecorum* – séc. IV; *Vulgata* (Trad. da Bíblia por São Jerônimo); as glosas: espécie de dicionário (glossário) para leitura dos autores latinos. As palavras desconhecidas do povo aparecem nessas glosas acompanhadas das formas correspondentes semânticas mais familiares e tomadas à língua viva da época.

Embora se tratasse da mesma língua, as variedades clássica e vulgar do latim apresentavam diferenças na fonética, na morfologia, no léxico e na sintaxe e a presença de características de uma ou de outra variedade atesta a origem das línguas românicas.

É importante ressaltar que algumas características existiam também no latim clássico, mas se acentuaram no latim vulgar. São algumas das particularidades do latim vulgar em relação ao latim clássico:

- a) Em relação à fonética, uma mudança importante foi a perda das oposições de quantidade. O latim clássico caracterizava-se pela existência de cinco vogais, sendo que cada uma dessas vogais podia ser longa ou breve, e essa distinção fonológica estava aliada a uma diferença no significado das palavras: *pŏpulum* (ó breve) significava *povo*, enquanto *pōpulum* (ô longo) significava *choupo*; *lŭto* (u breve) significava *lodo* enquanto *lūto* (u longo) significava *lodo*.

ā ē ī ō ū = **fechadas**

ă ě ĭ ǒ ŭ = **abertas**

No latim vulgar, as diferenças de duração foram-se associando às de timbre, de modo que o timbre passou a ser distintivo e a diferença de duração de na pronúncia das vogais desapareceu.

Eis o quadro comparativo das vogais tônicas no latim clássico e vulgar:



Latim clássico	Latim vulgar	Português	Exemplos
ā, ă	a	a	prātu > prado; pāce > paz; ăqua > água; áquila > águia
ē	é (aberto)	é (aberto)	mēlle > mel; nēbulam > névoa
ē, ĭ	ê (fechado)	ê (fechado)	cēra > cera; pĭra > pêra
ī	i	i	f ī lu > fio; rīvum > rio
ō	ó (aberto)	ó (aberto)	prōba > prova; rōtam > roda
ō, ū	ô (fechado)	ô (fechado)	amōre > amor; būcca > boca
ū	u	u	pūro > puro; secūrum > seguro

Quadro 1: Quadro comparativo das vogais tônicas no latim clássico e vulgar

- b) Havia, no latim vulgar, uma tendência para as vogais átonas caírem, evitando o uso de palavras proparoxítonas, como ocorre nos exemplos a seguir: *conducere* (latim clássico) > *conducere* (latim vulgar) = *conduzir* (português); *alacrem* (latim clássico) > *alacrem* (latim vulgar) > *alegre* (português).
- c) No léxico, havia predominância de uso de vocábulos mais *populares e afetivos* com sufixos diminutivos. Enquanto o latim clássico usava a palavra *equus* (cavalo de montaria), no sentido de cavalo, o latim vulgar preferia utilizar *caballus* com o mesmo sentido, embora originalmente essa palavra tivesse outra significação (cavalo de lavoura). O português adotou a palavra *cavalo* do latim vulgar.

Latim vulgar	Latim clássico	Português
<i>apprendere</i>	<i>discere</i>	<i>aprender</i>
<i>bucca</i>	<i>os</i>	<i>boca</i>
<i>casa</i>	<i>domus</i>	<i>casa</i>

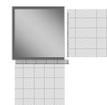
- d) Outra característica do latim vulgar que permaneceu no português foi a preferência pelas palavras compostas, no lugar das palavras simples usadas no latim clássico:

Latim clássico		Latim vulgar	Português
<i>ovis</i>	→	<i>ovicula</i>	<i>ovelha</i>
<i>spes</i>	→	<i>*sperantia</i>	<i>esperança</i>
<i>cor</i>	→	<i>*coratio</i>	<i>coração</i>

- e) Algumas palavras do latim clássico recebiam uma significação especial no latim vulgar:

- *parens, parentes*: pai ou mãe (latim clássico), parentes (latim vulgar)
- *viaticum*: provisão (latim clássico), viagem (latim vulgar)
- *comparare*: preparar (latim clássico), comprar (latim vulgar)

- f) Do ponto de vista morfológico, o latim clássico caracterizava-se por um vasto sistema de flexão (cinco declinações e seis casos) que se reduziram a três no latim vulgar.



g)

Declinações	Casos
1ª declinação <i>rosa, rosæ</i>	nominativo - <i>sujeito e nome predicativo</i>
2ª declinação <i>lupus, lupi</i>	vocativo - <i>chamamento</i>
3ª declinação <i>ovis, ovis</i>	genitivo - <i>adj. restritivo</i>
4ª declinação <i>cantus, cantus</i>	acusativo - <i>objeto direto</i>
5ª declinação <i>dies, diei</i>	dativo - <i>objeto indireto</i>
	ablativo- <i>complemento circunstancial e agente da passiva</i>

- h) Terminação s como marca de número plural. O plural português originou-se do acusativo latino. Como o plural dos nomes masculinos e femininos terminava com s em qualquer das declinações, este se tornou o sinal da desinência do plural: *rosas*, *amicos*, *amores*, *fructus*, *dies*.
- i) Decorrente da redução das declinações, houve o desaparecimento do gênero neutro e masculino e feminino passaram a ser indicados por o e a, respectivamente: *caelus* (céu), *vinus* (vinho), *fatus* (fato), do gênero neutro passaram para o masculino), enquanto *ligna* (linha), *opera* (obra) *milia* (milha), com tema em a passaram a feminino).
- j) Analitismo: o latim clássico não possuía artigos, enquanto o latim vulgar apresentava pronomes demonstrativos e o numeral *unus* com o valor de determinativo (artigo definido e indefinido).

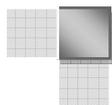
Latim clássico	Latim vulgar	Português
<i>liber</i>	<i>illu libru</i> ou <i>unu libru</i>	<i>o livro</i> ou <i>um livro</i>

O latim clássico formava os comparativos e superlativos através de sufixos, enquanto o latim vulgar utilizava formas analíticas na formação dos graus dos adjetivos, isto é, mediante advérbios *magis* (na Península Ibérica e na Romênia) e *plus* (na Gália e na Itália) antepostos ao adjetivo. A forma *passiva sintética* do comparativo e superlativo do latim clássico desapareceu, surgindo no latim vulgar a forma analítica ou composta.

Latim clássico	Latim vulgar	Português
<i>dulcior</i>	<i>magis (plus) dulce</i>	<i>mais doce</i>
<i>dulcissimus</i>	<i>multu dulce</i>	<i>muito doce (dulcíssimo)</i>

Do mesmo modo, nos verbos, as formas simples substituídas por formas perifrásticas: *cantabo*>*cantare habeo*;

- k) Na sintaxe, havia liberdade de colocação das palavras na frase, com tendência à ordem inversa. A frase portuguesa *Deus ama o homem* poderia ser dita em latim clássico das seguintes maneiras:



Deus hominem diligit.
Hominem diligit Deus.
Diligit Deus hominem.
Hominem Deus diligit.

- l) Enquanto no latim clássico as preposições eram poucas, o latim vulgar usava-as com maior frequência, como consequência da redução dos casos.

Petri liber (latim clássico) *Liber de Petro* (latim vulgar)

Como resultado desses traços acima, o latim clássico era uma língua sintética, enquanto o latim vulgar era analítico. Muitas dessas características apresentadas foram herdadas nas línguas românicas.

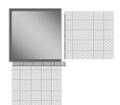
Além de latim clássico e vulgar, havia outras modalidades do latim, como o *baixo-latim*, intermediário entre o clássico e o vulgar. Nessa variante foram escritos os trechos bíblicos e em que foi divulgada a doutrina cristã. A variante *familiar* era usada nas conversações e nas cartas das pessoas instruídas.

Diversos autores, como Leite de Vasconcelos, Ismael Coutinho e Carolina Michäelis, estabelecem o século IX como o estágio de definição do romance galaico-português, língua corrente, falada a princípio na região noroeste da Península Ibérica e levada, depois, com o movimento da Reconquista, para o sul.

Nessa época, documentos escritos em latim bárbaro atestam a existência de palavras e expressões do romance galaico-português, apenas falado: *estrata* (estrada, lat. *via*), *conelio* (coelho, lat. *cuniculum*), *artigulo* (artigo, lat. *articulum*), *ovelía* (ovelha, lat. *ovicula*). São documentos públicos, testamentos, doações, contratos de compra e venda e também documentos jurídicos, como cartas, leis forais, inquirições sobre propriedades, todos escritos em cartórios, naquele latim bárbaro, tabelionário, pretensiosamente gramatical, mas, na verdade, estropiado, inorgânico, mistura de formulários tabeliônicos com locuções e vocábulos do romance, numa forma pseudolatina. Vejamos um testamento escrito em 1177, em que Dona Urraca Pedro deixa alguns bens à Igreja do antigo Mosteiro de São Salvador do Souto, localizada em Braga, Guimarães, Souto.

Mando ego Urraca Petri meum corpus ad monasterium Sancti Salvatoris de Sauto et ipsum meum casalem de Rial integrum cum omnibus que ad illum pertinent, in quo moravit Menendus Luz, et meum lectum cum almuzala et cum mea manta nova. Ad Mariam Pelagiz I ovelia, I capra et II quartarios de pan et I arca et I telega de pan in quocumque anno, donec habeat virum. Mando ut Petrus Pelagiz teneat in vita sua ipsas casas in quibus morat. Ad Petrum Gunsalviz, meum abbatem, I ovelia et I capra. Ad gafos de Vimarais et de Bragaa et de Barcelos singulas telegas. Ad Sanctum Martinum de Candaosu II morabitanos de hereditate de Portela de Lectões.

Em português de hoje:



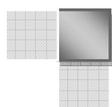
Eu, Urraca Pedro, lego ao mosteiro de São Salvador do Souto o meu corpo e o meu próprio casal, completo e com tudo o que lhe pertence, no qual morou Mendo Luz, e bem assim o meu leito com a coberta e a minha manta nova. A Maria Plágia deixo 1 ovelha e uma cabra com a sua cria. A Maria, filha de Pedro Calvo, 1 ovelha, e 1 cabra e 2 quartos de pão (cerca de 32 alqueires) e 1 arca e 1 teiga de pão todos os anos, até que se case. Ordeno que Pedro Pelágio viva até à morte nas próprias casas em que mora. A Pedro Gonçalves, meu abade, deixo 1 ovelha e 1 cabra. Aos gafos (leprosos) de Guimarães, de Braga e de Barcelos deixo 1 teiga (antiga medida de cereais) a cada. A S. Martinho de Candosa 2 morabitinos (antiga moeda gótica) da herança da Portela de Leitões.

Do ponto de vista linguístico, algumas das principais mudanças que ocorreram no latim falado à época do Império estendem-se às demais línguas românicas; outras são exclusivas do português. Até o fim do período imperial, o latim falado no Oeste da Península Ibérica conhece as evoluções gerais do mundo romano; posteriormente, vai adquirindo características próprias. Acentuaram-se as características distintivas dos romances peninsulares:

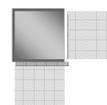
- a) Algumas das principais transformações do latim imperial da península ibérica aos falares românicos,
- a) Generalização do acento de intensidade e perda da oposição quantitativa das vogais: *reginǎ* (nom. e voc.) *reginā* (abl.) > *regina* (rainha); *mǎlum* (mal), *mālum* (maçã)
- b) Monotongação de æ e œ: *cælum* > céu;
- c) Síncope das vogais mediais (tendência a evitar proparoxítonas): *ocŭlum* > *oclu* = olho; *calīdum* > *caldu* = caldo.
- d) Consonantização de semivogais latinas I e U: *iocu* > *jogo*; *uacca* > *vaca*
- e) Sonorização das consoantes surdas: *lŭpu* > *lobo* (influência dos germânicos);
- f) Palatalização dos grupos ce, ci, ge, gi, ly, le, ni, ss: *ciuitātem* (cidade); *centum* (cento > cem); *regina* (rainha); *frigidum* (frio); *pretium* (preço); *platea* (praça), *hodie* (hoje); *video* (vejo); *facio* (faço); *spongia* (esponja); *seniorem* (senhor); *teneo* (tenho); *filium* (filho); *rŭssĕum* (roxo)
- g) Queda do n antes de s: *ansa* (asa)
- h) Evolução do grupo consonantal ci (port.>lh; cast.>j): *auricŭla* > *orec'la* > orelha (português) e > *oreja* (castelhano)
- i) Evolução do grupo ct (port.>it; cast.>ch): *nocte* > **noyte* > *noite* (português) e > *noche* (castelhano)
- j) Ditongação/não ditongação de ĕ, ŏ (port. e, o; cast. > eu, uo)

EXERCÍCIOS

- 1) Sabe-se que o chamado latim vulgar era uma língua viva, essencialmente falada ao longo dos séculos nas diferentes regiões do Império Romano, questiona-se:
 - a. De que maneira podemos conhecer esse latim?
 - b. Em que se distinguia do latim literário?
- 2) Apresente evidências lexicais que confirmem a afirmação: “É no latim vulgar que têm origem as línguas românicas”. (CARDEIRA 2006, p. 21).
- 3) Quais as ações dos romanos para impor sua cultura e sua língua aos territórios conquistados? Cite duas delas.
- 4) Escolha duas alternativas abaixo, explicando se as afirmativas são verdadeiras ou falsas e justifique sua resposta.
 - a. Durante as conquistas, nos territórios ocupados por Roma, a língua latina foi imediatamente adotada pelos vencidos.



- b. As características distintivas dos romances se acentuaram de maneira mais acentuada durante o domínio dos árabes.
 - c. Os árabes conseguiram dominar a Península Ibérica não só politicamente, como também lingüisticamente.
 - d. Podemos afirmar que o Latim Clássico e o Latim Vulgar eram duas línguas distintas.
 - e. Quando os bárbaros invadiram a Península Ibérica, impuseram sua língua como oficial da região.
- 5) Explique de que modo a Reconquista contribuiu para a expansão do galego-português em território português.
- 6) Explique a origem do morfema “a” como característica do feminino em português.
- 7) Fale sobre a invasão dos árabes na Península Ibérica, focalizando:
- O aspecto lingüístico;
 - O aspecto cultural;
 - O período de abrangência;
 - A relação dos mouros com os peninsulares.



UNIDADE II

O GALEGO-PORTUGUÊS AO PORTUGUÊS MODERNO: origens, características e expansão

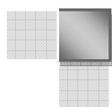
Os fatos históricos

Após a batalha de São Mamede, Dom Afonso Henriques proclama-se como primeiro rei de Portugal, define-se a fronteira ao norte e o reino português separa-se da Galiza. Portugal vai estendendo os limites do reino de Portugal através de lutas contra os árabes. A expansão territorial amplia-se em direção ao sul com a Tomada de Faro, 1249 e, finalmente, com a conquista do Algarve, fixam-se os limites atuais de Portugal. À medida que o território português se desenvolve em direção ao sul, os territórios ocupados passam a ser habitados por colonos do norte, que trazem consigo o galego-português. A capital do reino se desloca de Guimarães, (Afonso I), para Coimbra (libertada em 1064) até fixar-se em Lisboa (Afonso III, 1255).



Aclamação de Afonso Henriques

Na Península Ibérica, vocábulos das diferentes línguas preexistentes ao latim incorporaram-se ao vocabulário latino. No período iniciado a partir do século V, termos germânicos e árabes incorporaram-se ao vocabulário latino. Esse fato tornou bastante inovadora a variedade do latim vulgar levado para o noroeste da Península, conhecido como latim Lusitânico. A partir do início do século IX, ocorre a grande diferenciação do



latim na multiplicidade de falares, os Romanços (ou *romances*), denominação dada aos idiomas de transição entre o latim e as línguas românicas, incluindo o Português.

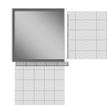
Ao se separar da Galiza, Portugal foi estendendo os seus limites através de lutas contra os árabes e, com a conquista do Algarve, fixou os limites atuais de Portugal. O romance galego-português, também conhecido como *galaico-português* ou *português antigo*, consolidou-se como língua falada e escrita da Lusitânia. Simultaneamente ao avanço dos cristãos para o sul, os dialetos do norte interagem com os dialetos moçárabes do sul, começando o processo de diferenciação do português em relação ao galego-português. A separação entre o galego e o português, que começou com a independência de Portugal (1185), vem se efetivar com a expulsão dos mouros em 1249 e com a derrota em 1385 dos castelhanos que tentaram anexar o país. O *galego* absorvido pela unidade castelhana e o *português* tornando-se língua nacional de Portugal.

As primeiras palavras portuguesas surgem por volta do séc. IX, em peças de utilidades, documentos, ou em monumentos. Em galego-português são escritos os primeiros documentos oficiais e textos literários não latinos da região. Vejamos.

Os documentos no português antigo começam a surgir por volta do século XIII, no início do reinado de D. Dinis, quando a chancelaria régia adota o português como língua escrita. Trazem uma língua mais espontânea e diversificada que a dos Cancioneiros; muitos apresentam influência de línguas do norte (leonês), fato explicável por serem desertas as terras reconquistadas e repovoadas por colonos vindos da Galiza. Outros documentos dão testemunho como o *Testamento de Afonso II* e a *Notícia de Torto*, de 1214, além de testamentos, títulos de venda, foros.

A poesia lírica floresce entre finais do século XIII a meados do século XIV. Escritas em galego-português, as cantigas foram conservadas em compilações, como os cancioneiros (coletâneas de poemas medievais), além das cantigas de Santa Maria:

- *Cancioneiro da Ajuda* – organizado ao tempo dos trovadores (copiado em fins do século XIII ou princípios do século XIV- na época ainda não havia imprensa), mais antigo códice de poesia profana, menos rico quanto ao número de textos conservados; Cancioneiro da Ajuda -. Encontra-se na Biblioteca da Ajuda, em Lisboa. Das suas 310 cantigas, quase todas são de amor.
- *Cancioneiro da Vaticana* – copiado na Itália, provavelmente nos primeiros anos do século XVI. Entre as suas 1.205 cantigas, há composições de todos os gêneros.
- *Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa* (antigo *Colocci-Brancuti*) – copiado na Itália, provavelmente nos primeiros anos do século XVI. Descoberto em 1878, na biblioteca do conde Paulo Brancutti do Cagli, em Ancona, foi adquirido pela Biblioteca Nacional de Lisboa, onde se encontra desde 1924. Entre as suas 1.664 cantigas, há composições de todos os gêneros.
- *Cantigas de Santa Maria* – de Afonso X, o sábio (1221-1284), rei de Castela e de Leão a partir de 1252; escritas numa língua complexa baseada nos falares da Galiza e no norte de Portugal: presença de arcaísmos, autores galegos e portugueses e até leoneses e castelhanos.



Nos cancioneiros, as poesias coletadas encontram-se em três categorias: *Cantigas d'amigo* – poemas de amor, por vezes com traços populares, em que fala a mulher; são inspiradas nas *muwaššahas*, poemas dos séculos XI e XII, escritos em hebraico ou em árabe; *Cantigas d'amor* – poemas mais eruditos, de frequente inspiração provençal, nos quais é o homem quem fala e, finalmente, *Cantigas d'escarnho e de maldizer* – poemas satíricos, não raro extremamente grosseiros.

A cantiga a seguir, a Cantiga da Ribeirinha, de Paio Soares de Taveirós de Paio Soares de Taveirós, é considerada um dos mais antigos textos escritos em galego-português (1189 ou 1198). Foi dedicada a D. Maria Paes Ribeiro, apelidada "A Ribeirinha", amante do rei D. Sancho I. Pertence ao *Cancioneiro da Ajuda*.

"No mundo nom me sei parelha,
mentre me for' como me vai,
ca ja moiro por vos - e ai
mia senhor branca e vermelha,
queredes que vos retraia
quando vos eu vi em saia!
Mao dia que me levantei,
que vos enton nom vi fea! "

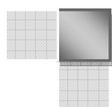
Parelha: do latim *paricula* (coisa alguma, semelhante)
Mentre: conj. temporal (enquanto)
Ca: do latim *quia>ca*. Significa *porque*. **Moiro:** Depoente de *orio>moiro*;
Mia > mĩa>minha
Queredes> quereis; **Retraia:** latim *retrahere>retrair*= retratar, recordar
fea: do latim *foeda* não vi feia (Litote – Ele a viu linda)

"E, mia senhor, des aquel di' , ai! me
foi a mim muin mal,
e vós, filha de don Paai
Moniz, e ben vos semelha
d'aver eu por vós guarvaia,
pois eu, mia senhor, d'alfaia nunca
de vós ouve nem ei
valia d'ua correa".

Senhor: senhora
Muin: do latim *multu>muito*
E...semelha: O sentido é "e a vós bem vos parece"
guarvaya: peça de vestuário, capa, manto
D'alfaia – do árabe: bens de valor. Aqui significa de valioso, de precioso
Valia d'ua Correa =sem valor

No mundo ninguém se assemelha a mim / enquanto a minha vida continuar como vai / porque morro por ti e ai / minha senhora de pele alva e faces rosadas, / quereis que eu vos descreva (retrate) / quanto eu vos vi sem manto (saia: roupa íntima) / Maldito dia! me levantei / que não vos vi feia (ou seja, viu a mais bela).

E, minha senhora, desde aquele dia, ai / tudo me foi muito mal / e vós, filha de don Pai / Moniz, e bem vos parece / de ter eu por vós guarvaia (guarvaia: roupas luxuosas) / pois eu, minha senhora, como mimo (ou prova de amor) de vós nunca recebi / algo, mesmo que sem valor.



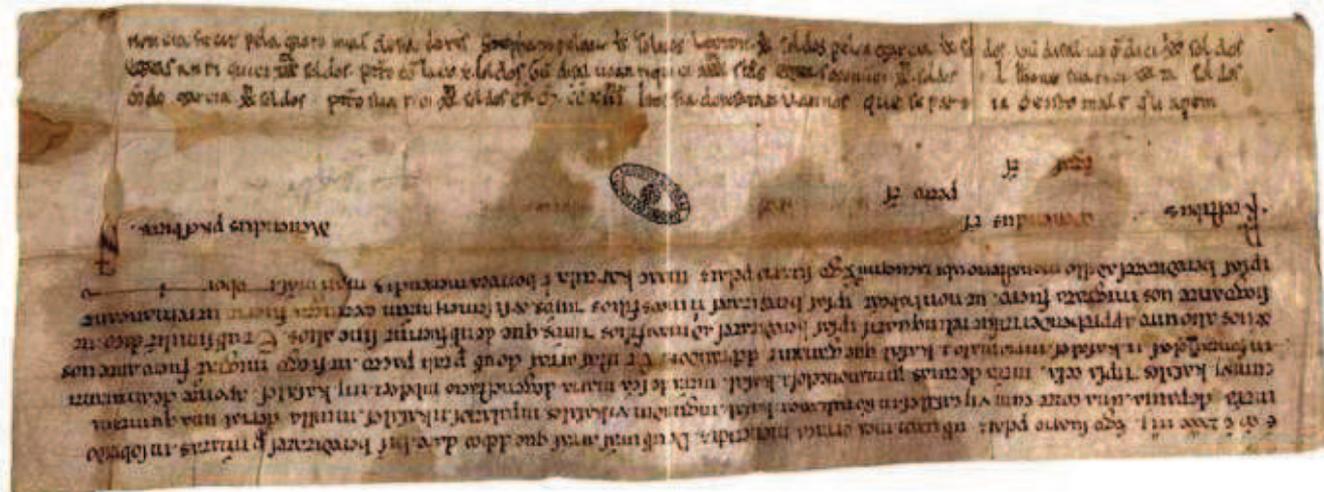


Figura 4 Testamento de D. Afonso II

Vejam os a seguir o Testamento de d. Afonso II (séc. XIII), o primeiro documento real datado e escrito em português. O texto é de 27 de junho de 1214.

En'o nome de Deus. Eu rei don Afonso pela gracia de Deus rei de Portugal, seendo sano e saluo, temẽte o dia de mia morte, a saude de mia alma e a proe de mia molier raina dona Orraca e de me(us) filios e de me(us) uassalos e de todo meu reino fiz mia mãda p(er) q(ue) de/pos mia morte mia molier e me(us) filios e meu reino e me(us) uassalos e todas aq(ue)las cousas q(ue) De(us) mi deu en poder sten en paz e en folgãcia. P(ri)meiram(en)te mãdo q(ue) meu filio infante don Sancho q(ue) ei da raina dona Orraca agia meu reino enteg(ra)m(en)te e en paz. E ssi este for/morto sen semmel, o maior filio q(ue) ouuer da raina dona Orraca agia o reino entegram(en)te e en paz. E ssi filio barõ nõ ouuermos, a maior filia q(ue) ouuermos agia'o ...

glossário

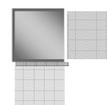
Temẽte: temendo
Saude: salvação
Molier: (lat. *Muliere*) mulher
a proe: (lat. *prode*>*proe*) proveito

glossário

mãda: testamento
sten: (de *estare*> *stent*) estejam
folgãcia: (lat. *follicare*) descanso, tranquilidade
semel: (lat. *seminem*) semente, descendência

Características do galego-português

No galego-português, a grafia era essencialmente fonética, com raras escritas etimológicas, decorrendo daí grafias diferentes para as mesmas palavras. O português arcaico utilizava alfabeto com letras simples do alfabeto latino (menos o k) e as geminadas *ss* e *rr*. A língua era escrita para ser ouvida. Para se ter uma ideia, nas cortes, as cantigas eram recitadas; nas ordens religiosas, a leitura era feita oralmente e os livros eram ditados para serem copiados.



1. A partir da segunda metade do século XIII, observou-se o estabelecimento de certas tradições gráficas.

- a) Uso de *ch* para a africada [tʃ], consoante diferente do [ʃ]- ao qual se aplica a grafia *x*: *Sancho*, *chus*. Observa-se a distinção de sons *s* e *ç*, *s* (intervocálico) e *z*, *ch* e *x*;
ex.: *ch* soava como *tch*: *chuva* (*tchuva*)
z soava como *dz*: *cozer* (*codzer*)
x soava como *ch*: *luxo* > *luxo*
ç soava como *ts*: *paço* (*patso*)
- b) Uso da grafia das grafias de origem provençal *nh* e *lh* para o [n] palatal e o [l] palatal só começam a ser usadas a partir de 1250: *gaanhar*, *velha*;
- c) Uso do til (~) como sinal de nasalização das vogais, além do uso da consoante nasal: *razõ*, *razom*, *razon*;
- d) confusão entre as grafias (indistinção entre *i – u*, *e j – v*)
- e) emprego arbitrário do *y*;
- f) troca do *nn* por *nh* e *l* por *lh*;
- g) sonorização do *t* em *d*;
- h) junção, separação e abreviação de palavras.
- i) emprego de *r* simples com valor de geminado:
ex.: *barete* (barrete); *tera* (terra)
- j) emprego do *ss* com som de *z*:
ex.: *conssa*
- k) emprego de *li* por *lh* e *ni* por *nh*:
ex.: *filia* (filha), *tenio* (tenho)
- l) emprego de *e* no lugar de *i* quando se seguia um *o*:
ex.: *peor* (pior)
- m) o *o* surdo grafava-se *u*
ex.: *pu diam*
- n) como *g* (brando) soava o *i* ou o *j*:
ex.: *traie*
- o) o *h* inicial comumente não se grafava:
ex.: *omem*, *aver*, *omilde*
- p) eram de uso muito frequente as palavras iniciadas por grupos consonantais:
ex.: *smeralda*, *spargir*, *star*
- q) o *x*, quando no final do vocábulo, tinha o som de *eis*:
ex.: *sex* (*seis*), *lex* (*leis*), *rex* (*reis*)
- r) o *u* representava o *v* no começo ou no meio da palavra:
ex.: *uez* (*vez*), *caualgar* (*cavalgar*)

2. Da perspectiva fonética, observou-se a criação de fonemas novos do galego-português

- a) /ts/ - cidade, cem, preço, praça, faço (hoje /s/);
- b) /dz/ - prezar (hoje /z/);
- c) /dʒ/ - gente, hoje, vejo, esponja (hoje /ʒ/);
- d) /ʃ/ - roxo (*ssy*; *sse*) – sem modo no port. Moderno);
- e) /lh/ - filho;
- f) /nh/ - senhor, tenho (sem mod. no port. Moderno).



3. Abundância de sequências hiáticas resultantes da síncope das oclusivas sonoras e de N e L intervocálicos.

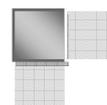
Ex. *vidi> vi-i, solo> so-o, tela> te-a, vinu> vi-o, manu> mã-o.*

4. As terminações latinas –ANU, -ANE, -ANT, -ONE e –UNT evoluíram para –ao, –ã e –ô.

	SINGULAR	PLURAL	SINGULAR	PLURAL
	ANTIGO	ANTIGO	MODERNO	MODERNO
MANU	Mão	Mãos	Mão	Mãos
PANE	Pã	Pães	Pão	Pães
CORATIONE	coraçõ	corações	Coração	corações

5. Na morfologia e na sintaxe, observam-se as seguintes características

- a) inúmeros substantivos e adjetivos com a terminação -on que corresponde hoje a -ão:
ex.: *perdiçõn, coraçõn*
- b) grafia e pronúncia de vogais que hoje são craseadas:
ex.: *creer, leer, poer, teer, meestre, doer, coor*
- c) formas verbais com terminação -om corresponde a ao:
ex.: *vierom, matarom*
- d) formas terminadas em -eo que hoje corresponde a -eio
ex.: *creo, meo, veo, feo*
- e) desinência da 2ª pessoa do plural em -des
ex.: *amades, devedes, credes,*
- f) participios verbais em -eito correspondentes aos terminados em -ido
ex.: *colheito (colhido) coseito, maltreito, (maltratado)*
- g) participios em -eso também correspondentes aos terminados em -ido.
ex.: *defeso (defendido), ofeso (ofendido)*
- h) participios em -udo igualmente correspondentes aos terminados em -ido
ex.: *correspondudo, manteúdo, sabudo, entendudo, prendudo*
- i) verbos terminados em -er correspondentes hoje aos terminados em -ir
ex.: *confunder, caer*
- j) emprego de formas pronominais hoje completamente fora de uso
ex.: *al (outra coisa), aquello (aquilo), aquesto (isto),*
- k) nomes terminados em -nte, -or, e -ês uniformes quanto ao gênero. Constituíam exceções as palavras *cortês* e *montês*, que eram biformes:
ex.: *senhor (masc. e fem.) língua português, a infante*
- l) flexão de número: muitos hoje invariáveis eram flexionados antigamente.
ex. *ourívezes, alferezes*
- m) mudança de gênero:
ex.: *fim, mar planeta e cometa* eram femininos; *tribo, coragem e linguagem* eram masculinos
- n) tempos verbais hoje inteiramente desconhecidos
ex.: *como teve feita a petiçõn*
- o) participios presentes no desempenho de sua função própria.
ex.: ao mercador ali *distante*, (estando)



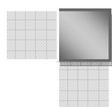
- p) e assim também se empregavam as formas:
amante, regente, agente, ouvinte
- q) participio passado da ativa, concordando com o objeto direto.
ex.: como se não a *tivera* merecida
- r) pleonasmos nas frases negativas:
ex.: *aquela nocte toda nenhũa irmã non dormyo...*
- s) emprego da preposição para assinalar ideia de partitivo:
- t) passiva pronominal com agente expresso:
ex.: *cada dia se negavam nesta casa per as irmãs solteiros e outras coisas.*
- u) nomes terminados por *-l-*: o *l* mantém-se no singular, mas cai no plural:
ex.: *sinal* *sinaes*
cruel *cruées*
- v) quando o sujeito era um coletivo no plural, o verbo podia estar no singular:
ex.: *e hi moreo grandes gentes*
- w) infinitivo regido de preposição, após certos verbos quer transitivos quer intransitivos:
ex.: *e começaram de fugir*
começou hir em pos ella
outro caminho conven a buscar
- x) as formas tônicas dos pronomes pessoais: *mi* ou *mim*, *ti*, *si*, *nós*, *vós*, e ainda *ele*, *eles* e *elas* podiam ter a função de objeto direto
ex.: *quem vus ouve, min ouve.*
E Judas dezia a Josef que tomasse ele per servo.
- y) orações interrogativas diretas e indiretas podiam principiar pelo pronome *cujo*.
Ex.: *Cujo filho és?*

Do ponto de vista lexical, observam-se as particularidades a seguir:

- a) emprego da palavra *homem* com sentido de alguém
- b) emprego de muitos vocábulos desusados nas épocas subsequentes e hoje totalmente desaparecidos:
ex.: *doma (semana)* *ardileza (valentia)*
fuiza (confiança) *esguardar (olhar)*
dultar (recrear) *pestinença (peste)*
dividos (parentes) *lavarar (costurar)*
aficar (teimar) *leixar (deixar)*
- c) emprego de termos hoje completamente desaparecidos: ex. *asinha* (depressa), *ende* (inde- daí, disso), *mentre* (enquanto), *peró* (porisso), *estê* (esteja), *trouve* (trouxe),

Do português Médio ao Clássico

No começo do século XV, outras mudanças ocorrem na nação portuguesa. Acontecimentos como a crise da dinastia, a depressão econômica, o declínio das zonas rurais e o crescimento da burguesia urbana somam-se à peste, a fome e a guerra que devastou a Europa.



Ao morrer D. Fernando I, da Dinastia de Borgonha, descendente de Dom Afonso Henriques, sua única filha D. Beatriz deveria sucedê-lo. D. Beatriz, ainda criança, casara-se com o rei de Castela, encerrando vários conflitos contra aquele reino. D. Leonor Teles, a viúva de D. Fernando, passou a governar o reino como regente até que um filho de D. Beatriz completasse 14 anos, e viesse reinar pessoalmente em Portugal. Isso provocou revoltas populares e apoio dos burgueses ao Mestre de Avis contra a antiga nobreza que apoiava Castela. Na Batalha de Aljubarrota, em 14 de agosto de 1384, D. João I, o Mestre de Avis é aclamado rei de Portugal, dando origem a uma nova dinastia.

Há necessidade de afirmação nacional e de consolidação da nova monarquia. A Casa de Avis promove o surgimento de inovações sociais e culturais em Portugal, como a criação de escolas e bibliotecas, a contratação de escrivães, letrados e professores nas cortes e residências dos burgueses mais ricos. São criadas algumas instituições, como o Mosteiro de Alcobaça e o Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, que desempenham importante papel cultural.

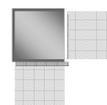
Os deslocamentos da Universidade em Lisboa (1288/1290) no eixo Lisboa-Coimbra e, definitivamente em Coimbra (1537), além da residência do rei em Lisboa tornam essa região, antes moçárabe, o eixo do domínio da língua portuguesa. As inovações que surgem na língua portuguesa apresentam características do sul e se constituem a norma a ser seguida e Lisboa torna-se modelo urbano e linguístico. A linguagem vulgar, ou seja, o *português*, estende-se a todos os ramos do pensamento.

A literatura passa a envolver outras áreas, além da esfera eclesiástica, embora os mosteiros de Santa Cruz de Coimbra e de Alcobaça ainda se mantenham como centros de cultura. Na literatura, os nobres valorizam a cultura e interessam-se pela tradução e pela leitura de novelas de cavalaria. Dom João promoveu a *Tradução do Novo Testamento* e escreveu o *Livro de Montaria*, que trata da caça ao javali, o *Livro das horas de Santa Maria*, os *Salmos certos para finados*. D. Duarte (o Rei Eloquentes, rei Filósofo), filho de D. João I escreveu o *Leal Conselheiro* e o *Livro da Enseñança de Bem Cavalgar Toda Sella* e incentivou a expansão de Portugal e a exploração marítima. D. Henrique, o Navegante, durante o reinado de D. Duarte, seu irmão, estabeleceu-se na vila marítima de Sagres para dirigir as navegações. Ele escreveu um pequeno tratado de teologia. D. Pedro, escreveu o *Livro da virtuosa benfeitoria*. Nesse tempo, a historiografia florescimento e cria-se o cargo de cronista-mor do reino (Fernão Lopes).

No final do século XIV, tem início o desenvolvimento da prosa literária em português, com a *Crônica Geral de Espanha* (1344), redigida por ordem de Afonso X, o Sábio, e o *Livro de Linhagens*, de dom Pedro, conde de Barcelos. Extinta a escola literária galego-portuguesa, uma nova atividade poética, a *poesia palaciana*, surge na corte, paralelamente à prosa. A composição das obras em língua portuguesa deixa o latim limitado a tratados de filosofia, teologia ou científicos.



Figura 5 -D. João I, o Mestre de Avis



Entre os séculos XIV e XVI, o império português de ultramar foi construído. No século XIV, os portugueses já haviam descoberto os arquipélagos de Madeira e dos Açores, colonizando-os no século seguinte. Em 1415, aconteceu a Tomada de Ceuta. Em 1488, Bartolomeu Dias dobrou o Cabo da Boa Esperança, Vasco da Gama chegou à Índia em 1498 e, em 1500, aconteceu o Descobrimento do Brasil e de outras regiões em Malaca, China e Japão.

Em consequência dos descobrimentos e das conquistas ultramarinas, a língua portuguesa recebeu influências das línguas dos locais para onde foi levada. Além disso, Portugal passou a ser a ponte entre a Europa e a novas culturas, novas gentes, lugares e animais exóticos. Essas descobertas acabaram por se refletir no ingresso ao vocabulário de novos termos, como **jangada**, de origem malaia, e **chá**, de origem chinesa, entre outros. Por outro lado, a língua portuguesa deixou marcas em outros idiomas, como: no malaio encontram-se as palavras *kadera* (de cadeira), *kamija* (camisa); no japonês, *furasuko* (frasco), *bisukettu* (biscoito); no quicongo (língua da África), *kesu* (queijo), *lozo* (arroz). Por outro lado, com o Renascimento, cresceu o número de italianismos e palavras eruditas derivadas das gregas, como consequência de uma crescente valorização aos modelos gregos e latinos.

O surgimento da imprensa permitiu maior difusão e acessibilidade de livros e, como consequência, o aumento da produção literária. Seguiu-se um período de *normalização* e *elaboração* da língua portuguesa, centrada no eixo centro-meridional: características linguísticas arcaicas se extinguíram e mudanças linguísticas iniciadas nos séculos anteriores se concretizaram.

Vejamos a seguir um trecho do *Livro de Esopo*, do Séc.XIV, comentado pelo filólogo Sousa da Silveira, publicado pela Revista de Língua Portuguesa em 1921.

Conta-se que no tempo do inverno una serpente mui frefosa (1) jazia a riba (2) duna auga (3) corrente e jazia tanto (4) fria con o regelado, que non sabia de si parte. (5) E unu vilão, (6) passando per (7) o dito ribeiro, vio a dita serpente muito frefosa con muitas diversas cores (8) e ouve doo (9) dela, por que a via assi (10) morta de frio, e tomou-a e meteu-a no seo (11). E levou-a a sua casa e mandou fazer (12) mui grande fogo e tirou a serpente do seo (11) e pose-a (13) acerca dele e aqueentava-(14)a o milho (15) que ele podia, e, quando a serpente foi (16) bem quente (14), vio-se poderosa e levantou-se em pee (17) contra o vilão, deitando contra ele peçonha (18) pela boca (19), e queria-o morder. E o vilão, veendo (20) esto (21), fez quanto pôde, ataa (22) que a lançou fóra de casa con gran trabalho. En aquesta (23) estoria (24) o doutor nus (25) ensina que non devemos ajudar os maos omenes (26) quando os veemos (20) en algunos perigoos (27), por que, se algu nu ben lhe fazemos, sempre deles averemos maos merecimentos, como fez esta cobra (28), que deu mau galardón aaquel (29) que a livrou do perigoo da morte.

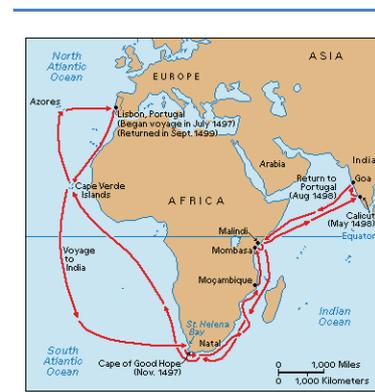
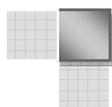
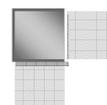


Figura 6 Viagens de Vasco da Gama



- (1) fremoso = fermoso, do lat. formosu.
- (2) riba < lat. ripa. Significa margem; a riba = à margem, ao lado, ao pé
- (3) auga < lat. aqua; auga = água.
- (4) tanto: forma plena; a contracta tão é que hoje se empregaria aqui.
- (5) non sabia de si parte = não dava acordo de si.
- (6) vilão < villanu; sign. habitante de vila, camponês.
- (7) per, preposição = por.
- (8) colores = cores. A conservação do -l- intervocálico mostra que a palavra é um latinismo, ou, talvez, castelhanismo.
- (9) doo = dó (pena, compaixão). Ouve (= houve) doo = teve pena.
- (10) assi = assim.
- (11) seo (=seio); do lat. Sinu.
- (12) fazer, forma activa, mas significação passiva: ser feito.
- (13) pose (= pôs, v. pôr); pose-a = pô-la.
- (14) aqueentava = aqueitava; observa-se aqui o hiato ee resultante de queda de consoante intervocálica. O lat. calere = estar quente; o radical cal- vê-se em calor, cálido, caldeira, rescaldo, escaldar.
- (15) melhor, forma antiga = melhor.
- (16) foi (= ficou).
- (17) pee (< pede) = pé; levantou-se em pee = levantou-se, ergueu-se, aprumou-se; contrapõe-se à ideia acima expressa por jazia e sem saber de si parte: há pouco era uma coisa inerte, dócil, inteiramente sem vontade; agora já se levanta, já mostra a sua intenção perversa.
- (18) peçonha = veneno. Em latim há o verbo potare (= beber), cujo radical pot- se mostra no adj. port. potável (água potável, isto é, boa para beber). O subst. lat. potio, potionis = acção de beber, bebida, beberagem medicinal, bebida com veneno; potione > poção (= beberagem medicinal).
- (19) boca < lat. bucca.
- (20) veendo = vendo. videre > veer > ver.
- (21) esto = isto.
- (22) ataa = até.
- (23) aqesta = esta.
- (24) estoria = história.
- (25) nus = nos.
- (26) omenes = homens; forma normal tirada do plural homines (hómenes).
- (27) Do lat. periculu > perígo > perigo.
- (28) coobra = cobra; do lat. colubra.
- (29) aaquel = àquele.



Evolução fonética do português europeu do período Médio ao Clássico

a) Redução do sistema das africadas. No sistema arcaico, em que as apicais eram fricativas e as dentais africadas, a correspondência entre grafia e etimologia era quase sistemática. Mas o sistema evoluiu no sentido do desafricamento e, quando as dentais perdem o elemento oclusivo inicial, a distinção torna-se menos clara.

b) Eliminação dos encontros vocálicos

- Desenvolvimento de uma consoante entre duas vogais: Ex.: *sardina* > *sardĩ-a* > *sardinha*
- Contração das duas vogais numa vogal única: Ex.: *lana* > *lã-a* > *lã*
- Contração de duas vogais orais num ditongo oral: Ex.: *credo* > *cre-o* > *creio*
- Contração de uma vogal nasal e de uma vogal oral em ditongo nasal: Ex.: *senu* > *sẽ-o* > *seio*

c) Encontros vocálicos provindos da queda de -d- nas desinências verbais (2ª pessoa do plural): *amades* > *ama-es* > *amais*

d) Sistema de redução das consoantes sibilantes. No Português Antigo, as sibilantes surdas e sonoras apicoalveolares, herdadas do sistema latino eram grafadas [s,ss] e se opunham às predorsodentais, constituídas por consoante dental [t] ou velar [k] e elemento vocálico palatal, a que correspondiam os grafemas [c,ç,z]. Por volta de 1500, as duas africadas /ts/ e /dz/ tinham perdido o seu elemento oclusivo inicial, mas a oposição entre os dois pares de fonemas continuava a manter-se, porque o seu ponto de articulação não era o mesmo. Tínhamos, assim, em posição intervocálica:

	Pre-dorsodentais	Apico-alveolares
Surdas	/s/ escrito c, e c antes de e e i: ex.: paço	/ś/ escrito s- e ss. ex.: passo
Sonoras	/z/ escrito z: ex.: cozer	/ź/ escrito -s. ex.: coser

No final do século XVI, o português comum reduziu a dois os quatro fonemas, e essa redução fez-se em favor das predorsodentais, idênticas as do Frances. Desde então, os dois fonemas seguintes:

- Uma predorsodental surda /s/; ex.: paço e passo confundidos.
- Uma predorsodental sonora /z/; ex.: cozer e coser confundidos.

e) Unificação dos substantivos singulares anteriormente em -ã-o, -an e -on: Os nomes portugueses terminados em -ão têm origem em palavras latinas de diferentes terminações:

-anu > -ão	-one > -om > ão	-ane > -ã > -ão	-udine > -om > -ão
s – manu > mão	s – leone > leom > leão	s – cane > cã > cão	s – multitudine > multidom > multidão
p – manos > mãos	p – leones > leões	p – canes > cães	p – multitudines > multidões



- f) Permanência da distinção entre /b/ e /v/ no português comum: *bala e vala, cabo e cavo*
- g) Pronúncia chiante de s e z implosivos. Conforme Paul Teyssier, em geral, no português europeu normal atual, todos os s e todos os z implosivos — ou seja, em posição final de sílaba — são pronunciados como chiantes ([š] ou [ž]). A realização surda ([š]) ou sonora ([ž]) da chiante é automaticamente determinada pela posição desta consoante, o que significa que se trata de duas realizações fonéticas de um único fonema. A regra de repartição é a seguinte: a surda [š] em final absoluta (ex.: atrás, uma vez) ou diante de uma consoante surda (ex.: vista, faz frio); a sonora [ž] diante de uma consoante sonora (ex.: mesmo, atrás dele).

Do português Clássico ao Moderno

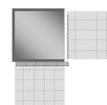
A produção escrita ampliou a reflexão sobre a língua portuguesa, favorecem o surgimento das primeiras gramáticas do português: a *Grammatica da linguagem portuguesa* de Fernão de Oliveira (1536) e a de João de Barros, *Gramática da Língua Portuguesa* (1540). Essas gramáticas trazem informações sobre a construção das palavras e das frases e servem de fontes para o estudo da língua através de informantes que refletem sobre mudanças linguísticas. Esses estudiosos – gramáticos, lexicógrafos, ortógrafos e os pedagogos representam o testemunho direto para o conhecimento da língua falada, e vem juntar-se aos documentos literários e não literários, e ainda aos dialetos arcaizantes do português

No teatro, ainda no ano de 1536, foi representado o último ato de Gil Vicente (*Floresta de enganos*), que representava a transição entre a cultura e as línguas medievais e o Renascimento, entre o Português Médio e o Clássico, e morria Garcia de Resende, também representante da literatura pré-clássica. A Universidade instala-se definitivamente em Coimbra, tornando-se o foco principal do Humanismo português. O ensino, em 1555, estava nas mãos dos jesuítas e o desenvolvimento cultural condicionado pela censura. Como podemos ver, inúmeros e importantes acontecimentos ocorreram neste momento, modificando as estruturas culturais portuguesas.

A língua já não era encarada apenas como um meio de transmitir uma mensagem, mas como objeto de estudo em si. O português, então, passou a ser analisado, estudado, descrito em suas características, através de cartilhas (cartilhas), vocabulários, dicionários e gramáticas. Basta citar a *Orthographia da Língua Portuguesa* de Nunes Leão que, em 1576, já apresentava o *betacismo*, isto é, a confusão entre v e b (*vós>bos; vosso>bosso; vida>bida*), como um traço dialetal, apesar de não fazer parte da norma. Em *regras que ensinam a Maneira de Escrever a Orthographia da Lingua Portuguesa* (1574), Magalhães de Gândavo afirma, referindo-se à redução do sis/tema de sibilantes do português antigo:



Figura 7 - Grammatica da linguagem portuguesa de João de Barros



As letras que se costumam muitas vezes trocar huas por outras, e em que se cometem mais vícios nesta nossa linguagem, são estas que se seguem, convem a saber: c,s,z,e isto nace de não saberem muitos a diferença que há de hūas as outras na pronunciação.

A visão humanista do mundo chegou a Portugal através de Sá de Miranda, André de Resende, entre outros. Essa nova visão possibilitou a criação de novos gêneros literários e a utilização da língua cada vez mais elaborada.

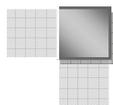
Além do interesse linguístico, havia também o interesse em divulgar a língua, em valorizá-la e louvá-la como instrumento de consolidação do império. O interesse dos gramáticos em fixar uma norma da língua para ser ensinada poderia representar o nacionalismo e o ideal unificador e expansionista que vigoravam em Portugal.

No início do século XVI, Portugal havia se transformado em um dos mais prestigiados Estados europeus, mas logo as despesas com tornam-se maiores que as receitas, decorrentes dos custos em defesa império, do crescimento da nobreza e da alta burguesia que monopolizavam o comércio, a importação de produtos manufaturados, entre outros fatores. Nesse contexto, a descoberta do ouro no Brasil faz com que milhares de portugueses emigrem para a colônia.

Diversas mudanças linguísticas ocorridas na língua podem ser encontradas em textos dos séculos XIV e XV. A morfologia e a sintaxe da língua definiram-se com as primeiras gramáticas, a língua entrou na sua fase clássica do período moderno: em *Os Lusíadas*, de Luis de Camões (1572), o português já é, tanto na estrutura da frase quanto na morfologia, muito próximo do atual.

Nos meados do século XV a fins do século XVII, Portugal e Espanha se unem em decorrência de casamentos entre reis portugueses e princesas espanholas. Do ponto de vista linguístico e literário, a dominação espanhola resultou em um interesse cada vez maior na língua e literatura castelhana, permitindo o ingresso de inúmeros vocábulos castelhanos, entre os quais *bobo*, *bolero*, *castanhola*, *caudilho*, *gado*, *moreno*, *galã*, *pandeiro*, *granizo*. Durante esse período, muitos autores portugueses são bilíngues, entre eles, podemos citar Gil Vicente, Sá de Miranda, Luís de Camões. Ressalte-se que esse bilinguismo não era encarado como traição para com o seu país, pelo contrário, tinha características bastante peculiares e caracterizava-se pela presença de lusismos no léxico, na morfologia e na sintaxe.

Por outro lado, a valorização ao modelo clássico fez retomar-se o modelo frasal latino, principalmente a sintaxe, em relação à subordinação e ao léxico, inserindo inúmeros latinismos no acervo vocabular português: *indômito*, *arquétipo*, *hemisfério*. A base lexical do português é, como já vimos, de origem latina, mas foi durante o Renascimento que muitos empréstimos eruditos foram extraídos de obras de escritores romanos. Por esse caminho que se desenvolveu um processo de derivar palavras do latim literário, em vez de se partir do termo popular português correspondente. Como consequência, há hoje no português uma série de adjetivos com radical distinto do respectivo substantivo: *ocular* / *olho*, *digital* / *dedo*, *capilar* / *cabelo*, *áureo* / *ouro*, *pluvial* / *chuva*). Esse processo é responsável pela coexistência de raízes distintas para termos do mesmo campo semântico. Em outros casos, ocorreu a substituição de muitos termos populares por termos eruditos (*palácio* / *paaço*, *louvar* / *loar*, *formoso* / *fremoso*, *silêncio* / *seenço*, *joelho* / *geolho*).



Ao final do século XVII, o português é uma língua que se encontra ainda em expansão e com o padrão linguístico firmado por literatura, gramáticas, ortografias e dicionários. É o reflexo das profundas transformações na sociedade e na mentalidade do povo lusitano, moldada pelo Renascimento, pelos Descobrimentos e pela Inquisição. Nesse período, fixa-se o modelo linguístico - a norma -, ao mesmo tempo em que se torna o modelo de uma instituição social, o idioma nacional, representando a expressão do sentimento de nacionalidade.

Vemos, no texto seguinte, um documento de D. João III, rei de Portugal. O documento designa D. Garcia de Almeida reitor da Universidade. A Universidade de Coimbra, a mais antiga do país, foi fundada pelo rei D. Dinis, com o nome de Estudos Gerais, em 1290, mas só foi definitivamente instalada em Coimbra em 1537. O conteúdo do texto é perfeitamente inteligível, apesar de o texto ser do século VI.

Texto: 1537

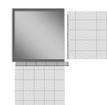
1º de março:

Eu elRey ffaço saber a vos lemtes officiaes e estudantes da vniversidade dos meus estudos de Coimbra que eu ey por bem que emquanto não for elegido Reitor para Reger eses estudos segº forma dos estatutos delles ou por minha provisam tenha o dito cargo do Rector Dom garçia dalmeida noteficovollo asy e mandovos que o ajaes por Rector desa vniversidade e lhe obedeçaes em todo o que no dito cargo de Reitor toca nas cousas do Regimento e governança desa vniversidade somente porquanto no que toca aos collegios de sancta cruz entendera o padre frey bras de braga governador do dito mosteiro comprio asy posto que esto não pase pela chancelaria amRq da mota o fez em evª ao primeiro dia de março de mil bj XXX bij anos.

Rey”

O português sofreu, do século XIV ao XVI, uma série de transformações que fixaram a morfologia e a sintaxe de tal modo que, daí por diante, pouco variarão. Citaremos algumas das transformações apontadas por Teyssier (1994):

- a) A morfologia do nome e do adjetivo absorve as consequências das evoluções fonéticas: os plurais dos nomes em ao são fixados (tipo mãos, cães e leões), assim como o feminino dos adjetivos em ao; ex.: *são - sã*.
- b) Na morfologia do verbo, os paradigmas simplificam-se sob o efeito da analogia.
- c) As primeiras pessoas do tipo *senco, menço, arço* são substituídas por *sinto, minto, ardo*.
- d) Os participios passados em udo da segunda conjugação cedem lugar a ido; ex.: *perduo > perdido*.
- e) Plurais dos substantivos e adjetivos em -l; ex.: *sol*, plural *sois* (escrito então *soes*); *cruel*, plural *crueis* (escrito *cruees* ou *crueis*).
- f) São eliminadas as formas átonas dos possessivos femininos (*ma, ta, sa*).
- g) Os anafóricos em e (h)i desaparecem como palavras independentes.
- h) O emprego do *homem*, com o sentido do “on” Frances, desaparece
- i) durante o mesmo período, assim como o partitivo; ex.: *quero do pão*. As duas preposições *per* e *por* reduzem-se a uma única, *por*, mas em combinação com o artigo definido e pelo que suplanta *polo*.



j) A volta ao latim - *abstinência, abranger, apropriar, circostancia, circonspecto, encorrer, eficácia, entrepretar, evidente, fugitivo, infinito, infruência, insensibilidade, intelectual, letradura.*

Do período clássico ao moderno, o português tornou-se instrumento de comunicação de mais de duzentos milhões de pessoas. A transplantação para outros países, o contato com outros povos e com outras culturas resultou em uma grande diversidade de falares, embora não tenha impedido a intercomunicação entre os falantes europeus, africanos, asiáticos e americanos.

O período Moderno da língua portuguesa tem início século XVIII, na periodização proposta por muitos autores atuais. Em Portugal, o espanhol é substituído pelo francês como segunda língua de cultura. A influência francesa, sentida principalmente em Portugal, fez o português metropolitano afastar-se do que era falado nas colônias.

Portugal encontrava-se dividido entre o Brasil, com suas riquezas agrícolas e minerais, e a Europa, com as inovações tecnológicas que promoviam o avanço do conhecimento científico.

Diversas personalidades, como Rafael Bluteau e Luís António Verney destacaram-se pelo desenvolvimento de métodos experimentais para ensino de português e sobre seus estudos sobre a língua portuguesa. Além disso, possibilitaram as reformas impostas pelo Marquês de Pombal. Das reformas pombalinas resultou o avanço da alfabetização, o crescimento no número de mestres de ler e escrever, a fundação de uma tipografia oficial, a Impressão Régia. Em 1759, a Companhia de Jesus foi expulsa de Portugal, encerrando um longo período de dominação dos jesuítas no ensino. Com a expulsão dos jesuítas, foram criados o Colégio dos Nobres, os Estudos Menores e a Academia Real das Ciências.



Figura 8 - Marquês de Pombal

O programa do Colégio dos Nobres promovia o ensino de português e das línguas modernas, ampliando o interesse de autores como Luís Caetano de Lima, Madureira Feijó, Monte Carmelo, Jerônimo Contador de Argote entre outros, pelas questões gramaticais e ortográficas. O tema da ortografia dividia-se entre a tradição gráfica, a etimologia e a realidade fonética. A Academia, por sua vez, promove um saber de cunho racionalista e apoia a pesquisa científica, responsável pela publicação de documentos medievais importantes.

O crescimento do ensino e da imprensa e o crescimento econômico e demográfico trouxeram um grande empenho no estudo da língua portuguesa e na fixação e divulgação da norma culta, para o que foi eleita a variedade linguística falada na especialmente na Corte, em Estremadura.

No século XIX, perturbações políticas e sociais sacudiram a Europa. As invasões francesas provocam a fuga da corte portuguesa para o Brasil, em 1807, enquanto, em Portugal, os ingleses combatem os franceses. Tem início uma revolução liberal para recolocar o centro da decisão política em Lisboa e instituir um regime constitucional, dando início a uma série de conflitos que resultará no fim do antigo regime.



Intelectuais como Almeida Garret e Alexandre Herculano apoiam a revolução liberal e se empenham na difusão da literatura popular e verdadeiramente nacional. Os jornais e as revistas chegam a um público cada vez mais vasto, abrangendo toda a classe média e, em 1837, em todos os distritos foi criado um Liceu.

Na segunda metade do século XIX, ao ensino da língua portuguesa alia-se o propósito de compreender e descrever o funcionamento da língua, como o trabalho de Adolfo Coelho, *A língua portuguesa*. A partir de 1880, todos esses estudos são publicados pela *Revista Lusitana*, que traz um panorama da nova ciência da linguística.

Em 1911 o governo nomeia uma comissão para estabelecer a ortografia a usar nas publicações oficiais, que tem Gonçalves Viana como um dos integrantes da comissão. Nessa reforma desaparecem o grupo das consoantes dobradas (*abbate*=abade/ *vacca*=vaca/ *allgumas*=algumas/ *flamma*=flama) o grupo *ph* (*pharmácia*=farmácia) e alguns exageros pseudos-etimológicos, já se aproximando da ortografia de hoje.

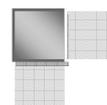
A partir dos séculos XIX e XX, ao vocabulário português integram-se novos termos de origem latina e grega. Em geral, esses termos designam avanços tecnológicos da época (como **automóvel** e **televisão**) e termos técnicos em inglês em ramos como as ciências médicas e a informática (por exemplo, **check-up** e **software**).

Nem sempre o ingresso de novos termos no vocabulário é percebido como algo positivo. O grande número de novos termos estimula a criação de uma comissão composta por representantes dos países de língua portuguesa, em 1990, para uniformizar o vocabulário técnico e evitar o agravamento do fenômeno de introdução de termos diferentes para os mesmos objetos.

Inovações fonéticas do século XIX

Poucas são as inovações fonéticas na língua portuguesa, a partir do século XIX. Vejamos algumas delas:

1. - [e] > [a] antes de iode ou consoante palatal
 - a) ei ([ey]) > [ay] *ditongo oral*, e em ([ěÿ]) [aÿ], *ditongo nasal* que aparece em posição final nas palavras em –em ou -ens (ex.: *bem*, *tem*, *correm*, *tens*, *homens*)
 - b) [ɛ̃] tônico > [a] diante de consoante palatal: ex.: *venho* ([vanhu]), *espelho* ([ispalhu]), *veja* ([važu])
2. Pronúncia uvular do /r/ forte – em Portugal, em registros formais, o r intervocálico é brando, como em *carro*; nas outras posições, mesmo em final de sílaba no interior da palavra é pronunciado [r] (r brando de caro).
3. Tendências atuais da evolução
 - No Brasil, para o ditongo *ei*, como nas palavras *lei* e *primeiro*, conserva-se a pronúncia de [ey] ou algumas vezes monotonga-se (ê): *lei*, *primeiro* ou *primero*); em Portugal, esses ditongos tendem a pronunciar-se como *bem* [bâÿ], *tem* [sâÿ], *correm* [corrâÿ], pronunciam-se [aÿ] e nao [ěÿ].



A língua portuguesa no mundo

Como vimos anteriormente, no período das grandes Navegações, a língua portuguesa foi levada a diversos continentes: Ásia, África América. Há dois aspectos a serem considerados: O mundo lusófono, ou seja, o povo que fala português, é hoje avaliado entre 200 e 240 milhões de pessoas. O português é a oitava língua mais falada do planeta, terceira entre as línguas ocidentais, após o inglês e o castelhano.

É importante ainda ressaltar, conforme alerta Castro (1991), que as consequências linguísticas decorrentes da exportação do português para outros territórios dependem de diferentes fatores:

- a quantidade de falantes portugueses que foram para um mesmo destino;
- as relações entre colonizadores portugueses e populações locais;
- o interesse dos falantes em relação às regiões (colonização, exploração, comércio etc.) influenciava na variedade do português, mais ou menos distanciada em relação à norma europeia.

Dos fatores acima citados resultam duas situações diferentes: a língua portuguesa afirma-se, suplantando as línguas nativas e a criação de *crioulos* de base portuguesa. Muitos países da África ainda conservam seus crioulos, convivendo em maior ou menor grau com a língua portuguesa, tornada língua oficial. Em outros, porém, os crioulos praticamente já desapareceram como o crioulo indo-português nas costas da Índia.

Silva Elia (1989), em trabalho sobre a língua portuguesa no mundo, e, baseando-se no conceito de România, faz uma classificação dos países de língua portuguesa. Vejamos essa classificação:

Por Lusitânia – espaço geolinguístico ocupado pela língua portuguesa, no conjunto de sua *unidade e variedades*. Compreende:

- Lusitânia Antiga* – Portugal (berço da língua portuguesa), Madeira (arquipélago descoberto oficialmente pelos portugueses em 1419-1420) e Açores (1431 é tradicionalmente considerado como o do descobrimento);
- Lusitânia Nova* - Brasil
- Lusitânia Novíssima* – cinco nações africanas constituídas em consequência do processo de “descolonização” e que adotaram o português como língua oficial: Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe;
- Lusitânia Perdida* - regiões da Ásia ou da Oceania onde já não há esperança de sobrevivência para a língua portuguesa;
- Lusitânia Dispersa* – comunidades de fala portuguesa espalhadas pelo mundo não lusófono, em consequência do afluxo de correntes imigratórias.

Crioulos – variedades linguísticas de base portuguesa com influência das línguas indígenas, com estrutura gramatical muito simplificada que irá se complexificando à medida das necessidades comunicativas de seus falantes. Línguas de emergência tornadas línguas maternas. (Esperança Cardeira).

Provérbio guineense

Koca fichadu ka ta ientra moska (em boca fechada não entra mosca).





Figura 9 - Países de língua portuguesa
 Fonte: <http://www.observatorio-lp.sapo.pt/pt>

Lusitânia Antiga

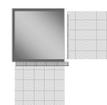
A língua falada no português europeu apresenta os seguintes traços sociolinguísticos:

- a) *Língua-berço* - fonte de todos os falares. É traço exclusivo do falar europeu, não encontrado em nenhuma das outras faces da Lusitânia.
- b) *Língua materna* – é a língua de nascimento dos portugueses. Apresenta grande unidade, já que os chamados dialetos, na verdade falares, pouco diferem entre si.
- c) *Língua oficial* – adotada nos atos e documentos públicos desde o reinado de D. Dinis, fundador da Universidade Portuguesa (1290).
- d) *Língua nacional* – falada em toda a extensão do Portugal continental e insular.
- e) *Língua de cultura* – ostenta um dos mais ricos patrimônios literários do mundo ocidental. Em decorrência desse caráter, tornou-se *língua padrão*: é ensinada nas escolas e à que recorrem as pessoas cultas em situações formais (no púlpito, nas cátedras, na tribuna parlamentar ou judiciária), utilizada em editoriais da grande imprensa.

Lusitânia Nova

A língua falada no Brasil apresenta os mesmos traços sociolinguísticos que os do português europeu, com exceção de *língua-berço*. Em seu lugar será colocado o de *língua transplantada*. Na época do Descobrimento, os portugueses encontraram a terra brasileira povoada de tribos indígenas que falavam cerca de 350 línguas diferentes. O Professor Aryon Rodrigues distingue as línguas entre *troncos* (Tupi e Macro-Jê), *famílias* (Caribe, Aruaque/Araúá e famílias menores ao sul do Amazonas (*guaicuru, nhambiquara, txapacura, pano, mura, catuquina*) e famílias menores ao norte do Rio Amazonas (*tucano, aicaná ou mundé, o coaiá, auaquê, o carajá, entre outras*) e *línguas isoladas*.

Os espanhóis e portugueses usavam a expressão *língua geral* para qualificar línguas indígenas de grande difusão numa área: *quéchua* (Peru, século XVI), *guarani* (Paraguai, século XVII). No Brasil, a



denominação que se firmou foi a de *língua brasílica* (século XVII), para designar a língua popular, com base na língua dos índios tupis, comum a índios missionados e aculturados e não-índios, falada nas áreas mais afastadas do centro administrativo da Colônia (Bahia). Aryon Rodrigues salienta a existência de duas línguas gerais: a língua geral do Sul, ou Paulista (*abanheenga*), e a língua geral do Norte, ou amazônica (*nheengatu*). As línguas gerais foram progressivamente sendo substituídas pelo português. A do Sul deve ter desaparecido no decorrer do século XVIII; a do Norte ainda resistia na região amazônica durante o século XIX.

Além da língua geral e das inúmeras línguas indígenas, o português concorreu com as línguas dos africanos de diferentes grupos étnicos. Eram duas as principais correntes de afluxo africano para o Brasil: uma, ao Norte, de procedência sudanesa (Bahia: *nagô* ou *iorubá* – que se converteu, por algum tempo, em língua geral dos negros); outra, ao Sul, de origem banto (Rio de Janeiro, Minas Gerais: *quimbundo*). As línguas africanas, trazidas pelos escravos negros também foram sendo absorvidas pela língua portuguesa. A partir da segunda metade do século XVIII foi-se acentuado o predomínio do idioma português, processo oficializado pela “Lei do Diretório”, de 3 de maio de 1757, do Marquês de Pombal, que proibia o uso da língua geral nas escolas.

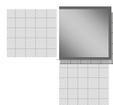
Posteriormente, principalmente após a Independência (1822), o Brasil recebeu novos contingentes imigratórios. Os primeiros imigrantes, alemães, permaneceram inicialmente no Rio de Janeiro, na região de Petrópolis, e os seguintes, deslocaram-se para o Sul. Distinguiram-se na agricultura e na criação de centros urbanos. Os italianos fixaram-se em São Paulo e na serra Gaúcha, originando um notável surto industrial e a plantação de vinhedos no Rio Grande do Sul. Os japoneses destacam-se na agricultura, encontrando-se hoje principalmente em São Paulo, Paraná, Mato Grosso, Pará, Amazonas e Brasília.

Aos poucos, esses imigrantes, bilíngues a princípio, vão se tornando falantes do português, à medida que se integram aos novos costumes, à nova pátria, que tem no português a língua das escolas, da imprensa, da literatura, do rádio, da conversa do dia-a-dia. Ainda segundo Elia (1989:29), da terceira geração em diante, a aculturação entra num ritmo mais rápido e decisivo.

Castro (1991) lembra que a rigor a população brasileira não é monolíngue em português: há outras línguas europeias, faladas por imigrantes, sobretudo italianos, espanhóis e alemães, há cerca de 170 línguas índias e, ainda, vestígios de antigos crioulos de escravos.

Lusitânia Novíssima

Em Angola e Moçambique, onde o português se implantou mais fortemente como língua falada, ao lado de numerosas línguas nativas, que servem de fato como instrumento de comunicação no cotidiano. A variedade oficial da língua assemelha-se ao modelo europeu, embora com alguns traços próprios, em geral arcaísmos ou dialectalismos lusitanos semelhantes aos encontrados no Brasil. A influência das línguas negras sobre o português de Angola e Moçambique foi muito leve, podendo dizer-se que abrange somente o léxico local. Nos demais países africanos de língua oficial portuguesa, o português é utilizado na administração, no ensino, na imprensa e nas relações internacionais. Nas situações da vida cotidiana são utilizadas também



línguas nacionais ou crioulos de origem portuguesa. Essa convivência com línguas locais vem causando um distanciamento entre o português regional desses países e a língua portuguesa falada na Europa, aproximando-se em muitos casos do português falado no Brasil. Os países africanos de língua oficial portuguesa apresentam as seguintes características:

Angola

De todas as nações africanas de expressão portuguesa, é a que tem mais ligações históricas, raciais e culturais com o Brasil. Do ponto de vista de suas línguas nativas — quase todas da família banto — é uma nação plurilíngue. O português, língua do colonizador, é usado como forma de comunicação, como ‘língua veicular’, entre falantes das línguas nativas. Em 1983, 60% dos moradores declaram que o português é sua língua materna. A língua oficial convive com o bacongo, o chacue, o ovibundo e o quibundo. A língua portuguesa foi se consolidando como *língua de cultura* e se tornou *língua oficial*, predominando nas zonas urbanas ou urbanizadas, mas no interior a hegemonia pertence aos falares nativos.

Moçambique

O português é a língua oficial falada por 25% da população, mas apenas 1,2% a considera como língua materna. É a língua de comunicação usada pelo Governo e utilizada na alfabetização de adultos, no ensino e precariamente na informação escrita, mas maioria da população fala línguas do grupo banto.

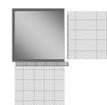
Cabo Verde

Em Cabo Verde fala-se um *crioulo* que mescla o português arcaico a línguas africanas. Segundo Castro (19, há pelo menos dois grupos crioulos: o de Barlavento, ao norte (ilhas de S. Vicente e Santo Antão) e o de Sotavento, ao sul (Santiago, Fogo, Brava). O português é a língua oficial e a língua de ensino no país. Podem-se encontrar diferentes níveis do seu uso:

- um português vernáculo falado e escrito por determinada camada culta da população. Presente em obras literárias, revistas, discursos...
- um português regional correto mas polvilhado de modismos e regionalismos;
- um português rudimentar, falado por camadas populares em determinados momentos, particularmente solenes

Guiné Bissau

Por conta da ocupação precária na Guiné, o português é não criou raízes no solo guineense. Há uma predominância de línguas nativas, todas ágrafas, mas a necessidade de intercomunicação entre as diferentes etnias dentro do mesmo território colonial português levou à formação de um falar de intercâmbio, espécie de denominador comum entre várias dessas línguas, que veio a ser uma língua veicular, ainda ágrafa, o *crioulo* da Guiné. Segundo Elia, a situação normal do falante guineense é o ser bilíngue: fala a sua língua materna e fala o



crioulo. Uma minoria fala e escreve o português. Em 1983, 44% da população fala um crioulo, 11% o português e o restante inúmeras línguas africanas.

São Tomé e Príncipe

A maioria da população fala as línguas locais forro e moncó, além de línguas de Angola. O português existe em situação de bilinguismo (sem falantes exclusivos), como língua oficial e de instrução.

Lusitânia Perdida

Nos séculos XVI e XVII, o português foi largamente utilizado nos portos da Índia e sudeste da Ásia, entretanto atualmente ele só sobrevive na sua forma padrão em alguns pontos isolados:

- em Macau, território chinês sob administração portuguesa até 1999. O português é uma das línguas oficiais, ao lado do chinês, mas só é utilizado pela administração e falado por uma parte minoritária da população.
- no estado indiano de Goa, possessão portuguesa até 1961, onde vem sendo substituído pelo konkani (língua oficial) e pelo inglês.
- no Timor leste, território sob administração portuguesa até 1975, quando foi invadido e anexado ilegalmente pela Indonésia. A língua local é o tetum, mas uma parcela da população domina o português.

Dos crioulos da Ásia e Oceania, outrora bastante numerosos, subsistem apenas os de Damão, Jaipur e Diu, na Índia; de Málaca, na Malásia; do Timor; de Macau; do Sri-Lanka; e de Java, na Indonésia (em algumas dessas cidades ou regiões há também grupos que utilizam o português).

Lusitânia Dispersa

Após a fase colonizadora das Grandes Navegações, com a migração da força de trabalho portuguesa, o idioma português dispersou-se pelo mundo não lusófono, americano ou europeu, como a França, por exemplo, onde dentre as línguas estrangeiras, é a mais falada.

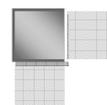
Agora é
com
você

Faça uma paráfrase do texto seguinte:



Este rrey Leyr nõ ouue filho, mas ouue tres filhas muy fermosas e amaua-as mujto. E huũ dia ouue sas rrazõoes com ellas e disse-lhes que lhe dissessem uerdade quall dellas o amaua mais. Disse a mayor que nõ auia cousa no mumdo que tãto amasse como elle, disse a outra que o amaua tanto como ssy meesma, e disse a terceira, que era a meor, que o amaua tanto como deue d'amar filha a padre. E elle quis-lhe mall por em e por esto nõ lhe quis dar parte no rreyno. E casou a filha mayor com o duque de Cornoalha, e casou a outra com rrey de Scocia, e nom curou da meor. Mas ella, por sua ventujra, casou-sse melhor que neẽhuũa das outras, ca se pagou della elrrey de Framça e filhou-a por molher. E depois seu padre della, em sa velhice, filharom-lhe seus gemrros a terra e foy mallandamte e ouue a tornar aa merçee delrrey de Framça e de sa filha, a meor, a que nõ quis dar parte do rreyno. E elles receberõ-no muy beẽ derom-lhe todas as cousas que lhe forom mester e homrrarõ-no, mentre foy uiuo e merreo em seu poder.

- 1) Reveja as características linguísticas do texto anterior e aponte a que período da língua ele pertence.
- 2) Como explicar a origem do plural dos nomes em **-ão** em língua portuguesa?
- 3) Qual a importância de Luís de Verney e Rafael Bluteau para o estudo da língua portuguesa?
- 4) Qual o principal interesse dos estudos sobre a língua portuguesa no século XVII?
- 5) Qual a maior contribuição da dinastia dos Avis para a língua portuguesa?
- 6) Cite, com exemplos, duas principais inovações lingüísticas no galego-português.
- 7) Fale sobre os objetivos portugueses para empreender as grandes navegações.
- 8) Explique o conceito de línguas crioulas.
- 9) Discuta a influência do português
- 10) Pesquise e fale sobre a situação atual do português no mundo.



UNIDADE III

O PORTUGUÊS NO BRASIL

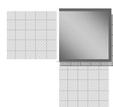
A 22 de Abril de 1500, Pedro Álvares Cabral chega às costas do Brasil, tomando posse em nome do rei D. Manuel de Portugal, mas a colonização só começa em 1532 com a atribuição das 15 capitanias hereditárias.

De início, só o litoral é colonizado; com a fundação de São Paulo, começou a entrada para o interior. No século XVII, o estado de Minas Gerais foi ocupado, devido à exploração do ouro. Durante o período colonial, o Brasil permaneceu um país essencialmente rural: suas capitais, Salvador, e posteriormente Rio de Janeiro preencheram apenas as funções políticas e administrativas, já que intelectual e culturalmente seu papel era limitado, já que o país não tinha universidade nem topografia.

A língua portuguesa transplantada para o Brasil no século XVI foi aos poucos assumindo uma feição peculiar face ao português de Portugal. No momento atual, o país apresenta diversidade em relação a dialetos regionais e diferenças urbano-rurais, o que é previsível, devido à grande extensão territorial. No entanto, é consenso entre os estudiosos da língua portuguesa que a diferença linguística em função da classe social é mais evidente que a variação dialetal. Esse é o pensamento de Teyssier (1994, p.79), que ressalta: “As diferenças na maneira de falar são maiores, num determinado lugar, entre um homem culto e o vizinho analfabeto que entre dois brasileiros do mesmo nível cultural originários de duas regiões distantes uma da outra.” Quando se comparam o dialeto padrão das classes média e alta com o dialeto popular de falantes das classes trabalhadoras e as de classe mais baixa em uma única cidade brasileira, percebe-se que são encontradas fortes diferenças nos níveis fonológico, sintático e lexical (Guy, 1995). Além disso, no Brasil, as classes trabalhadoras e a [população]rural e urbana de classes baixas que falam as variedades não padrão, isto é, o português popular do Brasil, formam a maioria, enquanto os falantes do padrão culto são minoria.

A feição peculiar que a língua portuguesa vem adquirindo em relação ao português europeu tem provocado, desde as primeiras manifestações sobre a natureza da língua do Brasil, ainda no século XIX, inúmeras polêmicas sobre a existência ou não de uma nova língua, completamente distinta da de Portugal, favorecendo o surgimento de estudos que focalizam principalmente os tópicos:

- a) a transplantação do português para o Brasil, destacando-se a figura dos primeiros colonizadores, para determinar quem foram e qual a região de Portugal de que vieram;
- b) a estrutura social da comunidade falante do português no Brasil, a fim de caracterizar o comportamento linguístico dos portugueses e de seus descendentes e o dos aloglotas;
- c) o contato linguístico, tanto entre o português e as línguas indígenas quanto entre as línguas africanas. Além disso, investiga-se a possível formação de *pidgins* e crioulos;
- d) o papel desempenhado pelos agentes promotores da normatização linguística, especialmente a escola.



A transplantação: os portugueses

A língua portuguesa percorreu um caminho longo, desde as décadas iniciais do século XVI, em que quase ficou relegada ao esquecimento, tanto por causa da indianização do colonizador português, quanto pela concorrência de outras línguas europeias, como o espanhol, o francês e o holandês (Villalta, 1997). O processo de colonização do Brasil se deu efetivamente a partir de 1532, com a implantação das capitânias hereditárias, iniciando-se pelo litoral. Posteriormente, com a devastação das matas litorâneas para produzir cana-de-açúcar e extrair lenha, foi aumentando a penetração em direção ao interior, permitindo o surgimento cada vez maior de núcleos em que se praticava a criação do gado de corte. Finalmente, outros núcleos são formados com a descoberta do ouro nas Minas Gerais e a ação dos bandeirantes (TEYSSIER, 1994; CASTRO, 1991; SILVA NETO, 1988).

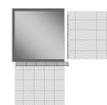
O número de colonizadores que se transportavam para o novo continente, vindos de todas as regiões da metrópole, das províncias ou dos campos foi crescendo. Muitos estudiosos consideram que a língua falada pelos colonizadores era uma língua comum, nivelada por fatos históricos, sem predomínio de um falar regional (SILVA NETO, 1988) Outros defendem a predominância de falares do Sul (ANTENOR NASCENTES). Castilho (1992) destaca a existência de alguns fenômenos fonéticos que apontam para uma suposta predominância do português meridional, mas afirma que foi constatada em Portugal a irradiação de falares meridionais, o que tem contribuído para rejeitar a hipótese meridionalista. E alerta para a existência de fortes evidências demográficas e linguísticas sustentando a influência açoriana no povoamento de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, que ocorreu depois de 1550. De acordo com Teyssier (1994), ao chegarem ao Brasil, os colonos portugueses elaboraram uma *koiné* por eliminação de todos os traços marcados dos falares portugueses do Norte e por generalização das maneiras não marcadas do Centro-Sul

Os índios

Na chegada ao Brasil, os portugueses encontraram a terra povoada de índios, mais de um milhão deles que apresentavam, do ponto de vista linguístico, uma grande diversidade, algo em torno de 350 línguas diferentes. Atualmente distribuem-se em dois troncos (Tupi e Macro-Jê) e em diversas famílias (Caribe, Aruaque/Arauaí, famílias menores ao sul e ao norte do Amazonas) (RODRIGUES, APUD ELIA:1989).

Os tupis, habitantes do litoral, denominados genericamente de *Tupinambás*, foram os que mais conviveram com os brancos. Eles falavam principalmente o *tupi*, uma espécie de segunda língua para os não tupis. Esses últimos eram conhecidos como *Tapuias* ou *Nheengaibas* (língua ruim), denominação atribuída pelos jesuítas, que não reflete a diversidade desses povos. Eram línguas *travadas*, bem mais complexas que o tupi e conservadas por muitos deles.

A comunicação entre as diversas tribos era feita através de uma espécie de língua franca, "*fácil, e elegante, e suave, e copiosa, a dificuldade está em ter muitas composições*" (RODRIGUES, 1983, p.23). Os



contatos iniciais dos mercadores e exploradores com os gentios ocorriam através de “um jargão de base tupi”, mas para os jesuítas, a pregação *deveria ser feita na língua daquele a converter* (ROSA,1977, p.107). Por considerarem que a variedade de línguas impedia a conversão, os jesuítas procuraram aprender o tupi, um tupi simplificado, despojado de seus traços fonológicos e gramaticais mais típicos, “*para se adaptar à consciência linguística dos brancos* (CÂMARA JR., 1975). Essa língua foi estudada, fixada em catecismos, dicionários e gramáticas e institucionalizada como língua de contato entre colonizadores e índios. Surgiu então a expressão *língua geral*¹, de base tupi, que indicava a língua de uso mais extenso numa região, e mesmo usada por grupos falantes de outros idiomas, e que durante muito tempo viveu lado a lado com a língua portuguesa. O tupi era utilizado pelos bandeirantes, pelas famílias de portugueses e índios. A língua geral predominava, sobretudo, em São Paulo e no Amazonas, enquanto na costa, ensinado nas escolas, o português se impunha.

Aryon Rodrigues (*apud* ELIA, 1989) aponta para a existência de duas línguas gerais: a língua geral do Sul (ou paulista) e a língua geral do Norte (ou amazônica). O tupi dos jesuítas, que se implantou no Norte do Brasil, onde sofreu uma evolução, é conhecida como *nheengatu*; a do Sul, que serviu de veículo escrito à literatura, *abanheenga*

Até o século XVIII ocorreu uma situação de bilinguismo e um número maior de indígenas. Progressivamente as línguas gerais foram sendo substituídas pelo português. Castilho (1992) aponta como uma das causas dessa substituição a extrema fragmentação do quadro linguístico. Teyssier (1994) acrescenta outras causas para a decadência da língua geral:

- A chegada de imigrantes portugueses;
- O Diretório do Marquês de Pombal, proibindo o uso da língua geral e obrigando o uso oficial da língua portuguesa;
- A expulsão dos Jesuítas.

A descoberta do ouro nas Minas Gerais favoreceu o desenvolvimento da vida urbana, em contraste com a economia açucareira, provocou a intensificação das correntes migratórias, tanto externa quanto internamente, caracterizada pelo isolamento rural (PESSOA, 1997).

O alvará do Marquês de Pombal proibia o uso da língua geral, que passou a ser encarada pelos conquistadores como “*invenção verdadeiramente abominável e diabólica*”, e, ainda, decidia que tipos de penalidades deveriam ser aplicados aos que permanecessem falando a língua geral, penalidades que variavam de acordo com o grupo social a que pertenciam. As decisões do Diretório se aplicaram primeiro ao Pará e ao Maranhão e, em seguida, se estenderam, em 17 de agosto de 1758, a todo o Brasil. Com a expulsão dos jesuítas, em 1759, a língua geral perdia seus principais protetores.

Para Elia (1989a) Lei do Diretório apenas acelerou um processo que já se manifestava irreversível. Semelhante ponto de vista têm Cuesta e Luz (1983), que consideram a influência do tupi na fala brasileira foi

¹ A denominação, genérica e no singular recobre uma grande diversidade, conforme alerta Mattos e Silva: *só podemos idealizar essa língua geral como heterogênea desde o século XVI, heterogeneidade que se tornará mais complexa ao longo da diacronia da colonização(...). Para a compreensão do que se chama genericamente língua geral, é fundamental o estudo de Aryon Rodrigues (1986: 99-109), em que, com precisão, apresenta uma caracterização diatópica e diacrônica das línguas gerais, já no plural, a paulista e a amazônica* (MATTOS E SILVA, 2001, p. 286)

exagerada em demasia. Segundo as autoras, essa influência parece ter-se exercido mais em extensão do que em intensidade, já que alguns fenômenos de pronúncia ou de sintaxe, apresentados como prova pelos tupinólogos, são apontados pelos africanistas como influência dos escravos. Tais fenômenos podem obedecer simplesmente a tendências latentes na língua tronco ou tratar-se de arcaísmos e traços dialetais conservados só em algum rincão pouco estudado ainda em Portugal, e que muitos se encontram em línguas e dialetos românicos europeus. E exemplificam:

- O ensurdecimento e queda do *r* final de palavra na língua popular de todo o Brasil e no Nordeste; ocorre também em francês, provençal, andaluz, etc. (*sinhô*);
- ieísmo (*famiya*) – ocorre no francês, galego, em Portugal, em dialetos crioulos portugueses;
- nasalção de qualquer vogal tônica seguida de *m* ou *n* que não trava sílaba (*fãma* por fama) – ocorria no português arcaico e conserva-se em alguns dialetos peninsulares;
- redução de *nd* a *n* nos gerúndios (*assobiano*) – efetuou-se no catalão antigo, aragonês, italiano central e meridional;

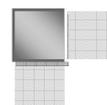
Também simplificações na morfologia nominal e verbal portuguesa são atribuídas por alguns autores aos indígenas e por outros, aos africanos. As terminações *-açu*, *-guaçu*, *-mirim*, de origem tupi, classificadas por alguns autores, a exemplo de Ismael Coutinho (1974), como sufixos tupis, na opinião de Chaves de Melo (1981:64) não podem ser assim consideradas, já que não conseguem alterar a constituição morfológica e fonética da palavra a que se unem, sendo portanto o seu papel o de simples adjetivos: mesa-açu ‘mesa grande’. Câmara Jr. (1975) considera que as contribuições que o tupi missionário trouxe para o português do Brasil restringem-se a empréstimos lexicais que se adaptaram à fonologia e à gramática portuguesa.

Os negros

Além das línguas gerais e das inúmeras línguas indígenas, o português concorreu com as línguas dos africanos de diferentes grupos étnicos, que desde o início foram trazidos ao Brasil.

Castilho (1992) indica, entre 1538 e 1855, 18 milhões de escravos negros vindos para o Brasil, integrantes de duas culturas: - os bantos fixaram-se no Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Maranhão, Pernambuco e Alagoas, e os sudaneses - que se estabeleceram principalmente na Bahia. Pessoa (1997, p.43), baseando-se em Ventura, classifica os grupos linguísticos que ingressaram no Brasil no período da escravidão em:

- a) sudaneses, originados principalmente da Guiné, Costa da Mina, representados pelos Yoruba (Nagô, Ijêsha etc.), pelo grupo Fanti-Ashanti, chamado à época colonial Mina, e pelos grupos de Kroumans, Agni, Zema, Timim;
- b) muçulmanos ou malês, oriundos do norte de Benin, representados sobretudo pelos Peuhls, entre outros, e, em menor número, pelos Tapa, Bornu, Gurunsi;
- c) bantos do grupo angola (Cassabges, Bengalas, Inbangelas, Dembos), pelos Congos ou Cabindas e pelos Benguela;
- d) bantos da Costa Oriental, representados pelos Moçambiques.



Segundo Pessoa (1997, p.67), as maiores levas de escravos desembarcados no Brasil ocorreram durante os séculos XVI e XVII, para o Nordeste; no século XVIII, com a descoberta do ouro, a importação é cerca de três vezes maior do que nos primeiros séculos; e na primeira metade do século XIX até 1850, a partir de quando o tráfico é definitivamente proibido.

Os primeiros africanos que vieram ao Brasil apresentavam grande complexidade linguística (RODRIGUES, 1983). Entre eles, uns não falavam o português, os *boçais*, e outros falavam um *pidgin* de base portuguesa que aprendiam na costa da África. Os portugueses procuravam misturar grupos dialetais diferentes, que não se entendessem, para, através da diversidade étnica e linguística, impedir que se unissem. Dessa forma buscavam mantê-los submissos e forçavam-nos a aprender a língua portuguesa.

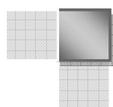
Ao desembarcarem, com maior ou menor dificuldade, adquiriam conhecimentos da língua geral ou do português, que necessitavam aprender para falar com os seus senhores, com os mestiços, ou com os negros crioulos, adaptando-se a esse idioma sob a forma de um falar crioulo.

Para alguns autores, foram duas línguas principais adotadas como gerais: o *nagô* ou iorubá, na Bahia e o *quimbundo*, no Rio de Janeiro e em Minas. Conforme Rodrigues (1983), a diferença entre a língua geral indígena e a geral africana é que a primeira foi criada pelos jesuítas, e a última foi criada por eles mesmos. Segundo Castro, as línguas banto tiveram grande importância na formação, após o século XVII, de um 'dialeto das senzalas', uma espécie de *koiné*. A esse "dialeto das senzalas" teria sucedido um 'dialeto português rural', com o aumento do aportuguesamento dos africanos e da entrada de africanismos no português, desaparecendo a estrutura morfológica do banto.

Para Sílvio Elia (1989, p.26), embora os falares do tipo quimbundo tenham sido os mais difundidos no Sul do país, não chegaram a constituir uma língua geral africana com base quimbundo, por falta de *uma elite negra que, pelo prestígio, impusesse às demais os seus traços culturais, particularmente a língua. Isso se deu ao Norte, onde os nagôs assumiram a liderança cultural.*"

Naro (1993, p.441) descarta a existência de uma língua pidgin ou crioula de base lexical portuguesa associada predominantemente com a etnia afro-brasileira ou ameríndia, pelo fato de já existirem outras línguas gerais de bases não europeias, mas considera possível que a "*pidginização em si... tenham influenciado no desenvolvimento do português brasileiro*".

Branco e negro mantiveram um contato mais direto do que branco e índio. Desse contato, estima-se que aproximadamente 300 palavras africanas ingressaram ao léxico da língua portuguesa no Brasil. O uso dos falares africanos foi gradativamente perdendo terreno pela expansão da língua portuguesa, restringindo-se aos domínios especializados, como os rituais religiosos, cânticos, danças populares. Com o decréscimo da população negra provocado em parte pelo fim do contrabando de escravos e em outra, a alta taxa de mortalidade dos negros, face aos maltratos e doenças a que eram submetidos, a configuração étnica do Brasil começa a mudar.



Em 1808, a chegada do príncipe regente provocou profundas mudanças políticas e sociais no Brasil. Para poder acolher a família real e cerca de quinze mil portugueses que fugiam da invasão francesa, fatos novos, como a abertura dos portos e a criação de novas instituições, a exemplo da imprensa, contribuem para a ‘relusitanização’ do português falado no Brasil, em especial no Rio de Janeiro, que se tornou a capital do “Reino Unido do Brasil, Portugal e Algarve”.

Na segunda metade do século XVIII, a língua portuguesa começa a prevalecer sobre as demais. Segundo Rodrigues (1983:37), no começo do século XIX, a língua falada no Brasil “ou era muito lusitanizada nos meios brancos das grandes cidades costeiras, ou ainda sofria deficiências na aprendizagem oral que negros e índios revelavam”, num permanente estado de guerra cultural e linguística. A “vitória” da língua portuguesa, segundo este autor, não se deu de forma tão pacífica ou tão fácil, mas custou esforços, sangue, vidas.

Já nos século XVIII, a literatura romântica começou a registrar as peculiaridades do português do Brasil, buscando autonomia literária. Com a Independência, passou a ser valorizado tudo o que a diferenciava da metrópole: muitos traços da oralidade e palavras, antes tidos como ‘provincianismos’ e passaram a documentados com maior frequência.

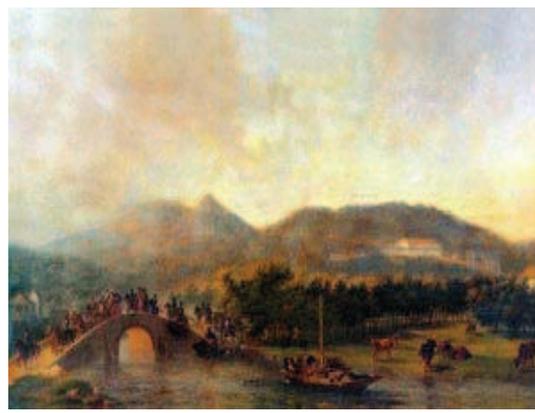


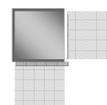
Figura 10 Visão estrangeira do cortejo real na ponte do Maracanã

Os imigrantes

No século XIX, lembra Elia (1989), a partir da Independência, novos contingentes migratórios vieram ao Brasil, timidamente no Primeiro Reinado e mais fluentemente no Segundo Reinado e efetivamente com a República.

Os primeiros imigrantes, alemães, permaneceram inicialmente no Rio de Janeiro, na região de Petrópolis, e os seguintes, deslocaram-se para o Sul. Distinguiram-se na agricultura e na criação de centros urbanos. Os italianos fixaram-se em São Paulo e na serra Gaúcha, originando um notável surto industrial e a plantação de vinhedos no Rio Grande do Sul. Os japoneses destacam-se na agricultura, encontrando-se hoje principalmente em São Paulo, Paraná, Mato Grosso, Pará, Amazonas e Brasília.

Aos poucos, esses imigrantes, bilíngues a princípio, vão se tornando falantes do português, à medida que se integram aos novos costumes, à nova pátria, que tem no português a língua das escolas, da imprensa, da literatura, do rádio, da conversa do dia-a-dia. Ainda segundo Elia (1989:29), da terceira geração em diante, a aculturação entra num ritmo mais rápido e decisivo.



Castro (1991) lembra que a rigor a população brasileira não é monolíngue em português: há outras línguas europeias, faladas por imigrantes, sobretudo italianos, espanhóis e alemães, há cerca de 170 línguas índias e, ainda, vestígios de antigos crioulos de escravos.

A mudança no português brasileiro

Aos poucos, a língua portuguesa foi adquirindo uma feição peculiar face ao português de Portugal, constituindo o chamado *português brasileiro*. No momento atual, o Brasil apresenta diversidade em relação a dialetos regionais e diferenças urbano-rurais, o que é previsível devido à grande extensão territorial, mas é consenso entre os estudiosos da língua portuguesa que a diferença linguística em função da classe social é mais evidente (CASTRO, 1991; TEYSSIER, 1994).

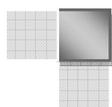
Diferentes teorias explicam a origem das particularidades apresentadas pelo português do Brasil. Alguns estudiosos justificam as mudanças ocorridas pela origem dos primeiros colonos, ou seja, pela região de onde vieram, ressaltando as semelhanças entre o português brasileiro e o português falado por habitantes do Sul de Portugal. Outros mostram as diferenças como originadas dos índios ou dos escravos africanos. Há também os que consideram as mudanças decorrentes da *deriva*, ou seja, de tendências próprias ao sistema, e ainda os que apontam para uma conjunção de fatores. Para explicar essas mudanças, os pesquisadores baseiam-se em hipóteses diferentes, resumidos por Castilho (1992) em três: a evolucionista, a crioulistica e a internalista:

a hipótese evolucionista, que defende a existência de uma “língua brasileira”, a hipótese crioulistica, que acentua a importância dos contactos linguísticos no Brasil-Colônia, e a hipótese internalista, que acentua a importância da deriva, isto é, das tendências próprias ao sistema, para explicar a dimensão histórica do PB (português brasileiro). (CASTILHO, 1992, p.241).

Características do português brasileiro

Características fonéticas

- Em geral, não existe no português do Brasil a oposição entre os timbres abertos e fechados das vogais tônicas a, e e o seguidas de uma consoante nasal: ocorre, nesse caso, apenas o timbre fechado.
Ex.: *cantamos* com [â] no pretérito perfeito ou presente do indicativo.
- Fechamento da vogal média átona final (e>i; o>u):
Ex.: *fali* (*fale*), *fálu* (*falo*)
- Proclíticos e enclíticos em -e — São pronunciados com [i] no Brasil;
ex.: *me, te, se, lhe, que, de, etc.*
- Vocalização de [ʃ] velar- Escreve-se *animal, Brasil, amável, sol* e pronuncia-se [animãw], [brasiw], [amavẽw], [sów]. A distinção entre mal (advérbio) e mau (adjetivo) desaparece. No extremo sul do país a antiga distinção ainda se mantém.



- e) Supressão do *l* desaparece em posição final absoluta: ex.: *generá* (general), *coroné* (coronel). Quando fecha sílabas internas, ocorre o *rotacismo*, a sua passagem a *r*; ex.: *arto* (alto), *vorta* (volta).
- f) A pronúncia chiente de *-s* e *-z* em final de palavras provoca, não raro, o aparecimento de um iode; ex.: *atrás*, *luz*, *pés* pronunciados como *atrás* [atrayš], *Luís* [luyš], *pés* [pejš].
- g) Os grupos consonantais que ocorrem em certas palavras de origem erudita (ex.: *admirar*, *advogado*, *observar*, *psicologia*, *ritmo*) são eliminados pelo aparecimento de um *i*, ou de um *e*: *adimirar*, *adivogado* ou *adevogado*, *obisservar*, *pissicologia*, *ritimo*.
- h) Em algumas regiões do Brasil, nos grupos *ti* e *di*, as oclusivas [t] e [d] são geralmente palatalizadas; ex.: *tio*, *mentiu*, *sentir*, *pentear*, *te vejo*, *dito*, *pediu*. diferença, de La. Ouve-se [ty] e [dy] e mesmo [tš] e [dž] em certos locutores.
- i) Em certos registros familiares e vulgares, o português do Brasil tende a suprimir o *r* no final das palavras; ex.: *doutô* (*doutor*), *pegá* (*pegar*), *fazê* (*fazer*).

Morfologia e sintaxe

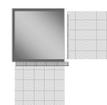
Na morfologia e na sintaxe existem aspectos conservadores e os aspectos inovadores do português do Brasil. Essas peculiaridades podem ser classificadas em duas categorias: as que pertencem à língua normal e são vistas, hoje, como brasileiras mas “corretas”, e as que pertencem a registros nitidamente vulgares e são consideradas “incorretas”.

1) Brasileirismos pertencentes à língua normal

- a) Preferência pelo uso de *estar* + gerúndio, no lugar de *estar* a + infinitivo.
Ex.: *está escrevendo*. (Brasil) *Está a escrever*. (Portugal)
- b) Uso dos possessivos sem artigo: ex.: *meu carro*.
- c) Colocação do pronome átono em posição proclítica: Ex. “*João se levantou*”, e não “*João levantou-se*”. Construções desse tipo são normais no português clássico, mas não no português europeu atual. Esses exemplos são casos evidentes de conservadorismo.
- d) Os seguintes brasileirismos são igualmente normais: *conosco* por *conosco*, *quatorze* ao lado de *catorze*, *dezesseis* por *dezasseis*, *dezesete* por *dezassete*.
- e) Emprego da locução *todo o mundo* ao lado de *toda a gente*,
- f) Emprego de *em* em expressões como *está na janela* (a janela), *na frente de* (a frente de), *já chegou ao Brasil* (ao Brasil), *vou na cidade* (a cidade).
- g) Emprego impessoal do verbo *ter* no sentido de *haver*, ou da locução *pois não* com valor afirmativo (— *Pode me dar uma informação?* — *Pois não.*)
- h) A colocação de pessoais átonos que o “brasileiro” se distancia, com frequência, da atual norma portuguesa europeia.
 - No início de frase (*Me parece que; me diga uma coisa*)
 - Quando o o pronome e complemento de um infinitivo, de um gerúndio ou de um particípio, vem sistematicamente ligado a eles; ex.: *Pode me dizer?* e não *pode-me dizer?*

2) Brasileirismo pertencentes a registros familiares ou sentidos como vulgares:

- a. frases negativas do tipo *não sei não*, ou mesmo *sei não*;
- b. orações infinitivas que tem por sujeito *mim* e *não eu* (ex.: *e p’ra mim comer*, em lugar de *para eu comer*);
- c. emprego de *feito* no sentido de *como*: ex.: *o pobre homem chorava feito uma criança*.



- d. Outros brasileirismos são mais marcados e, por isso, sentidos como “incorretos”. E o caso do emprego das formas tônicas ele(s) e ela(s) como objeto direto em vez das formas átonas o(s) e a(s): ex.: *vi ele* (vi-o), *não conheço ela* (não a conheço).
- e. Supressão da -s, marca do plural, nos nomes e adjetivos, e conservá-los apenas nos determinantes (artigos, demonstrativos, possessivos, etc.); ex.: *as casa*, *estes boi*, *meus amigo*, *mil cruzeiro*.
- f. Quanto à flexão verbal, ela pode ser muito simplificada: não emprego do futuro, do condicional e do infinitivo flexionado; redução ao extremo do paradigma dos tempos (eu devo, ele deve, nos deve, eles deve).

O vocabulário

- a) Designações de objetos e noções peculiares ao mundo moderno em seus aspectos científicos, técnicos ou sociais:
 - o *comboio* em Portugal e o *trem* no Brasil,
 - o autocarro em Lisboa e *ônibus* no Rio de Janeiro;
 - a *aeromoça* (Brasil) a *hospedera* (Portugal);
 - a *espátula* (Brasil) a *faca de cortar papel* ou *corta-papel* (Portugal);
 - o *terno* (Brasil) ao *fato* (Portugal);
- b) neologismos: *meia* (abreviação de *meia dúzia*) por *seis*, *virar* por *tornar-se*; *cadê* (< que e de) em interrogações do tipo “cade o chapéu”
- c) Vocabulário de origem tupi, representando a flora, fauna, toponímia, palavras de origem tupi em locuções, : *capim*, *cupim*, *mingau*, *guri*, *caatinga*, *curumim* ou *culumim*, *cunha*, *moqueca*, *abacaxi*, *buriti*, *carnaúba*, *caninana*, *capivara*, *quati*, *tatu*, *sagui*, *andar na pindaíba*, *estar de tocaia*, *cair na arataca*, *Aracaju*, *Guanabara*, *Carioca*, *Tijuca*.
- d) Vocabulário de origem africana, algumas vindas diretamente da África e outras introduzidas no país pelos portugueses: o *ioruba* (falado atualmente na Nigéria): *orixá*, *vatapá*, *abará*, *acarajé* e o *quimbundo* (falado em Angola): ex.: *caçula*, *cafuné*, *molambo*, *moleque*.

No momento atual, o interesse pela história da língua portuguesa e nela, em especial, do português brasileiro, tem provocado, o desenvolvimento de projetos, seminários, programas e pesquisas individuais e coletivas, com orientações teóricas diversas, que têm entre suas preocupações centrais a reescrita da história da língua portuguesa. Muitos estudiosos interessados em reconstruir a história da língua constataram que tanto *a história do português brasileiro*, quanto *à história geral da língua portuguesa* ainda não foram concluídas.

EXERCÍCIOS



Qual a situação linguística do Brasil na época em que os portugueses chegaram?

Que consequência teve o alvará do Marquês de Pombal para o uso da língua portuguesa no Brasil?

Quem eram os boçais?

Cite uma das estratégias dos portugueses para impedir rebeliões dos escravos negros.

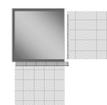
Qual a importância linguística da vinda da família real para o Brasil?

Explique as principais hipóteses para explicar as mudanças na língua portuguesa no Brasil.

Apresente e comente três peculiaridades do português brasileiro face ao português europeu.

REFERÊNCIAS

- ALI, M. Said. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 3ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1964.
- CÂMARA JR. Joaquim. *Línguas europeias de ultramar: o português do Brasil*. IN: Dispersos. Sel. e intr. de Carlos Eduardo Falcão Uchoa. Rio de Janeiro: FGV, 1975.
- CÂMARA JR. Joaquim Mattoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.
- CARDEIRA, Esperança. *O Essencial sobre a História do Português Brasileiro*. Coleção: O Essencial. Coordenação: Maria Helena Mira
- CARDOSO, Wilton; CUNHA, Celso. *Estilística e Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.
- CASTILHO, Ataliba T. de. O português do Brasil. In: ILARI, Rodolfo. *Linguística Românica*. São Paulo: Ática, 1992.
- CASTILHO, Ataliba T. de. (org.) *Para a história do português brasileiro*. Vol. I: Primeiras ideias São Paulo: Humanitas/FAPESP, 1998.
- _____. O português do Brasil. In: ILARI, Rodolfo. *Linguística Românica*. São Paulo: Ática, 1992.
- CASTRO, Ivo. *Curso de História da língua portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta. 1991.
- CASTRO, Ivo et alii. *História da Língua Portuguesa*. 2000. In <http://www.instituto-camoes.pt/cvc/hlp>
- CASTRO, Ivo. *Curso de História da língua portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta. 1991.
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática Histórica*. 7 ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1978.
- CUESTA, Pilar Vázquez e LUZ, Maria Albertina Mendes da. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Edições 70, 1983
- ELIA, Sílvio. *A Língua Portuguesa no Mundo*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1998 (Série Princípios).
- ELIA, Sílvio. *Preparação à linguística românica*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.
- GUI, Gregory R. Sobre a natureza e origens do português popular do Brasil. IN: *Estudios sobre Espanhor de America y Linguística Afroamericana*. Bogotá, p.226-44, 1989. (Tradução provisória de Maria Marta Pereira Scherre, fev. 1995).
- GOMES, José Maria Barbosa. Anotações de aula. UFPB.
- HAUY, Amini Boainain. *História da Língua Portuguesa*. I - Séculos XII, XIII e XIV. 2 ed. São Paulo: Ática, 1994 (Série Fundamentos).
- ILARI, Rodolfo. *Linguística Românica*. São Paulo: Ática, 1992.
- MAIA, Clarinda de A. 1986. *História do Galego-Português: Estado Linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI*. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- MELO, Gladstone Chaves. *Iniciação à Filologia e à Linguística*. 5ª ed., Rio de Janeiro: Acadêmica, 1975.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. (org.) *Para a história do português brasileiro*. Vol. I. Primeiros estudos, Tomo I. São Paulo: Humanitas /FFLCH/USP: FAPESP, 2001.
- MELO, Gladstone Chaves de. *A língua do Brasil*. 4. Ed. Melhorada e aum., Rio de Janeiro: Padrão, 1981.
- NARO, Anthony Julius & SCHERRE, Maria Marta Pereira.(1993) *Sobre as origens do português popular do Brasil*. IN: D.E.L.T.A., Vol.9. Nº Especial. Brasília: ABRALIN. pp.437-454
- NUNES, José Joaquim. . *Compêndio de gramática histórica portuguesa*. 6ª ed., Lisboa: Clássica, 1959.
- PAIVA, Dulce de Farias. *História da língua portuguesa: século XV e meados do século XVI*. São Paulo: Ática, 1989.
- PESSOA, Marlos Barros. Formação de uma variedade urbana e semi-oralidade na primeira metade do século XIX. O caso do Recife, Brasil. Philosophische Dissertation der Neuphilologischen Fakultät Tübingen, 1997.
- PINTO, Edith Pimentel. *A língua escrita no Brasil*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1992.



_____. *O Português do Brasil: textos críticos e teóricos, 1 – 1820/1920, fontes para a teoria e a história*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 1978.

SILVA NETO, Serafim da. (1988) *História da língua portuguesa*. 5 ed. Coleção Linguagem. Rio de Janeiro: Presença/ INL, 1988.

RODRIGUES, José Honório. *A vitória da língua portuguesa no Brasil Colonial*. IN: *Humanidades*:vol I, n. 4, julho/setembro de 1983.

ROSA, Maria Carlota. *Línguas bárbaras e peregrinas do Novo Mundo segundo os gramáticos jesuítas: uma concepção de universalidade no estudo de línguas estrangeiras*. IN: *Revista de Estudos Linguísticos de Belo Horizonte*, vol.6, n. 2, p.97-149, jul./dez.1997.

SILVA NETO, Serafim da. *Introdução ao estudo da Língua Portuguesa no Brasil*. 5ªed., Rio de Janeiro: Presença, 1976.

SPINA, Segismundo. *História da língua portuguesa: segunda metade do século XVI e século XVII* - São Paulo: Ática, 1987.

TEYSSIER, Paul. *História da Língua Portuguesa*. Trad. de Celso Cunha. 6 ed. Portuguesa. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1994.

SITES VISITADOS

Cuidado com a língua – o galego.

<http://www.youtube.com/watch?v=uNpACTllv8g&feature=related>

Evolução das línguas da Península Ibérica desde o ano 1000 até 2000.

<http://www.youtube.com/watch?v=x5jnHKJ4Scc>

